



Aventuras extraordinarias
dum policia secreta

○ CRUCIFICADO



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COMPELIMP NA EMP LUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60

REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação
 científica ao alcance de todos

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em pequenas obras, de maneira a desenvolver nos menos ilustrados o gozo pelos estudos científicos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primorosa collecção, que enervará verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularisada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos exitos.

No preço:

- Através do Espaço, por Camillo Flammarion
- Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
- As Estrellas e os cometas, por Secchi
- O Panorama dos Seculos, por J. Weber
- A Intelligencia e o cerebro, por G. M. Tisse
- Magnetismo e Espiritismo, por G. Danville
- O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux e Mathieu
- A Physiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 rs. CADA VOLUME BROCHADO E
 =NITIDAMENTE IMPRESSO= 100 rs.

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Chamam-se publicados tres volumes

I Obscenas primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia	300
II Impudencias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos	300
III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos	300
No preço:	
IV (e ultimo volume) Tempos modernos	300

Um romance completo por **200**
OS BONS ROMANCES
 Publicação mensal de grande formato • REIS •

≡CADA VOLUME CONTEM≡
 ≡ 14:00 LINHAS ≡
 ≡ DE LEITURA EMPOLGANTE ≡

Volumes publicados:

- O homem das multidões, de Pierre Zuccone.
- O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
- A aposta maldita, por Jules de Gastynes.
- Os Facas d'Oiro, por Paulo Féval.
- As filhas do povo, por Alexis Bou'er.

No preço:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escriptura atenta, compoem uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES
 Publicação mensal de grande formato
 • REIS • um bom romance completo

100 maneiras de nos **COM ARMAS**
 defendermos na rua

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente
 illustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆
 com bellas e numerosas gravuras intercalladas
 ◆ ◆ ◆ no texto ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituída por edições luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

- I—Ditoes Iar, por Marcel Précoet
- II—Aphrodite, por Pierre Louys
- III—Prima Laura, por Marcel Précoet

500 Rs. Preço de cada volume
 brochado 500 Rs.

ACO
 823.91
 D598.99
 P47 v. 5 no. 112

O CRUCIFICADO

por Conan Doyle

CAPITULO I

Um desmaio estranho

Harry Taxon, o ajudante de Sherlock Holmes, estava em frente da grande estação de Londres, n'uma linda manhã de setembro. Tinha chegado, havia momentos, d'uma viagem em caminho de ferro, emprenhida por ordem do mestre.

Harry Taxon parecia achar-se de excellente humor, pois foi com um sorriso que encheu o cachimbo curto, á inglaterra, acendendo-o depois com beatitude. Sherlock Holmes ia ficar, certamente, contente com as noticias que lhe trazia o seu ajudante.

Tratava-se d'um grande crime, por cuja descoberta a policia se esforçava em vão.

Como sempre, em casos semelhantes, foi pedido o auxilio do grande policia, o qual, por principio, só tomava conta de casos extremamente difficeis.

Harry Taxon desceu os degraus de granito da estação e estava reflectindo se devia fazer a pé o caminho para casa do mestre ou se seria melhor tomar um *cab*, quando um incidente veio prender-lhe a attenção.

Viu um ajuntamento, a pouca distancia, e como estava sempre á espreita de algum caso interessante, não hesitou nem um instante em approximar-se. Alguns operarios, outras pessoas, principalmente viajantes acabados de chegar, rodeavam, falando alto e gesticulando, uma joven que cahira sem sentidos.

Os fortes cotovellos de Harry foram-lhe abrindo caminho, até que pôde curvar-se sobre a pessoa caida. Era uma rapariga que mostrava ter vinte annos, vestida simplesmente, mas com elegancia. Era, provavelmente, uma passageira chegada n'aquelle instante e a quem dera um desmaio. No fundo, isto nada tinha de estranho, mas Harry Taxon possuia um pouco do furo do seu genial mestre e esperava ouvir da bocca da joven senhora communicacoes interessantes.

Dois trabalhadores estavam preparando-se para levá-la, quando Harry Taxon disse para um d'elles: —Deixem, que eu trato d'ella.

O homem murmurou algumas palavras inintelligiveis e pareceu extranhar que o rapaz se mettesse n'um assumpto em que não tinha mais direitos que outro qualquer, mas o companheiro disse-lhe subitamente algumas palavras ao ouvido e o primeiro mudou immediatamente de expressão. Harry Taxon piscou o olho e teve um sorriso de malicia. Tinha tido, pouco tempo antes um encontro com o primeiro operario e este reconhecerá-o immediatamente.

As palavras que elle dissera ao ouvido do companheiro tinham sido:

—E' o ajudante de Sherlock Holmes!

Estas palavras pareceram ter um poder magico. Harry Taxon, que, apesar de ser bastante magro, tinha muita força, conseguiu levantar a joven nos braços e transportal-a para um *cab* que estava proximo.

Emquanto o povo que se reunira discutia entre si o direito maior ou menor que assistia a Harry de tomar conta da rapariga, este deu uma morada ao cocheiro e o trem rodou, roubando-o em breve aos olhares das pessoas, que tinham assistido á scena.

Apenas os dois operarios ficaram ainda algum tempo no mesmo logar.

—Crês, Jim, e o ajudante de Sherlock Holmes conhece a rapariga? murmurou o primeiro.

O camarada encolheu os hombros.

—Não sei; com Sherlock Holmes ou com a sua gente nunca sabemos que pensar. É possível que a rapariga seja absolutamente desconhecida ao ajudante. Mas, se assim é, ha então qualquer coisa que não é nada clara e elle já anda a farejar. Isso affianço té eu.

Harry Taxon, durante o caminho, foi examinando a sua protegida. No fundo, não sabia que pensar. Tinha, porém, a certeza que a via pela primeira vez na sua vida.

—Talvez seja estupidez, murmurou, tomar conta da rapariga. No final de contas, averigua-se que ella estava fatigada da viagem e que desmaiou, como acontece a tantas d'essas futeis mulheres, por esse motivo. Quanto vai rir-se o mestre á minha custa, quando lhe contar a minha aventura. O melhor que tenho a fazer é deixar a miss n'um posto de soccorro, para que cuidem d'ella e não voltar a pensar n'isso.

Mas, era curioso, sempre que Harry Taxon fitava o rosto fino e pallido, repousando immovel nas almofadas, vinha-lhe a ideia que aquelle desmaio tinha causas especiaes que seria util desvendar.

Em torno da pequena bocca da joven notavam-se, mesmo agora, uns traços dolorosos ou, se assim quizermos, de infinito desespero!

Uma pequena malinha de couro, que segurava n'uma das suas mãos, estava cahida no chão.

Harry Taxon apanhou-a e pôl-a no trem.

Podia abril-a facilmente, para se certificar se continha uma carta ou qualquer informação, mas repelliu essa ideia.

Tomando uma nova resolução, gritou uma nova morada ao cocheiro e este voltou logo n'uma travessa proxima. Justamente n'esta rua, existia um dos muitos postos de soccorro de Londres, onde Harry era muito conhecido.

A pobre rapariga não tinha ainda voltado a si quando o carro parou. Harry saltou para o passeio e desapareceu por instantes na entrada do posto. Por um feliz acaso, encontrou logo o dr. Jenkins, com o qual tinha jogado o whist não havia ainda dois dias.

—Que ha de novo, Harry? foi a pergunta do joven medico que se via obrigado a ganhar os seus primeiros louros no serviço publico, trazes trabalho para nós?

—Por emquanto, pouco. Apanhei ao pé da estação uma senhora ainda muito nova, que teve um desmaio.

«Parece que nada ha de extraordinario que se ligue a este facto e, naturalmente, isto não passará d'uma acção humanitaria.

O doutor Jenkins bateu no hombro do amigo.

—Tolice, Harry! Como se eu não soubesse que n'essas coisas ha sempre algum segredo. Mas não quero ser indiscreto, o que de nada me serviria por que conheço a tua discreção em casos semelhantes.

«Olá! tirem esta senhora do trem e levem-n'a para dentro, gritou para dois enfermeiros que se aproximaram.

A ordem foi cumprida com a maior rapidez.

Os dois homens, praticos n'esses serviços, transportaram-n'a para o posto, collocando-a n'um leito pequenino todo branco.

Emquanto Harry Taxon despedia o cocheiro, o doutor Jenkins ficou a examinar com a maior attenção a joven.

—Estás com má cara, doutor! Que significa isso? Que não é um simples desmaio?

O medico não respondeu e curvou-se sobre o corpo immovel estendido no leito. Tentava ouvir o bater do coração, mas parecia não o conseguir.

—Estará morta? perguntou Harry, a quem essa ideia entristeceu.

O medico voltou a encolher os hombros.

—Vou fazer um exame mais completo e por isso peço-te que desappareças por momentos.

—Ah! Compreendo. Afastou-se e foi collocar-se junto d'uma das janellas do posto que davam para a rua. Começou a observar as pessoas que passavam e que eram pouco numerosas.

—Bem. Então sempre ha qualquer coisa pouco natural no desmaio da rapariga, ia elle reflectindo.

«Já não ha o perigo do mestre me ralhar por ter feito asneira, acrescentou, esfregando as mãos.

Entretanto, o doutor Jenkins carregára n'um botão electrico e disse algumas palavras por um tubo acustico collocado proximo da cama.

Menos de meio minuto depois entrou uma mulher de meia idade, vestida com acao inexcédvel, que ajudou o medico no seu exame. Este durou mais de dez minutos, sendo inuteis todos os esforços feitos para chamar de novo á vida a rapariga desmaiada.

O doutor extrahiu d'um armario alguns frascos, e misturou algumas gottas que deu á joven, sem obter resultado vizivel. Durante esse tempo, entre elle e a ajudante, só se trocaram as palavras absolutamente indispensaveis.

—Está, morta; todos os esforços serão inuteis, afirmou a enfermeira.

O doutor acenou energicamente que não.

—Pois eu não creio em tal, apesar de não poder sentir o pulso, mesmo servindo-me dos instrumentos mais sensiveis. Trata-se certamente d'um caso anormal, que pôde muito bem vir a occupar a policia criminal. Foi Harry Taxon que trouxe essa rapariga.

—Então trata-se de qualquer assumpto importante.

O doutor continuou a fazer todos os esforços da sua sciencia para reanimar a joven desconhecida.

Serviu-se d'um appparelho electrico que existia na sala e, de subito, os labios da rapariga agitaram-se e um estremeccimento percorreu-lhe o corpo.

—Que disse eu? exclamou o medico, não podendo conter-se.

Harry Taxon continuava á janella. Tinha-se-lhe apagado o cachimbo e não dera por isso, tal era a sua preocupação. O exame do medico durava tanto tem-

po que era quasi certo o desmaio ser produzido por qualquer coisa pouco vulgar.

De subito, estremeceu. Já por tres vezes, no passeio fronteiro, passára o mesmo homem, e a insistencia não podia deixar de ser notada pelo ajudante do celebre policia.

A primeira vez, Harry não ligou importancia ao facto. Podia ser um transeunte como qualquer outro. Mas, não passará ainda um minuto e ei-lo de novo, de forma que Harry Taxon podia suppor que o homem terminára o seu passeio e voltára pelo mesmo caminho, poucos passos andados. Uma terceira vez, porém, surgiu a suspeita personagem e parou por um momento, mesmo defronte da entrada do posto.

Este curto momento foi aproveitado por Harry, que, como o mestre, tinha uma facilidade enorme em fixar phisionomias, para o observar com attenção. No escriptorio do grande policia havia um grande numero de volumes com numerosos retratos de pessoas mais ou menos celebres de Londres, até mesmo de toda a Inglaterra.

Esta collecção tinha sido adquirida e augmentada constantemente e pacientemente por Sherlock Holmes, com grandes difficuldades.

—Eu não me chame Harry Taxon se aquelle homem não é sir John Everet, o celebre pintor.

«Mas que demonio faz elle ahí plantado? E, é curioso, não pôde dizer-se que o fato que enverga seja muito elegante.

N'este momento assomou á porta o doutor Jenkins.

—Tenho que fallar contigo, disse, levando Harry para uma sala particular. Depois de ter fechado a porta almodada, collocou-se em frente de Harry Taxon, tendo no rosto uma expressão de grande seriedade.

—Antes de mais nada, inquiriu Harry, a minha protegida já recuperou os sentidos?

—Já, mas bom trabalho me custou e se tivessem passado só mais dez minutos, nem Deus poderia já chamá-la á vida. A infeliz foi envenenada.

Harry Taxon fez ouvir o seu assobio peculiar, por entre os dentes.

—Então sempre tive razão para suspeitar alguma coisa quando a vi caída na calçada.

«Mas conta-me o resto. Está ainda em perigo, ou conseguiu a tua sciencia debellar o mal?

—Julgo que consegui livrá-la da morte. A doente está ao cuidado da nossa enfermeira e, por agora, nada mais posso fazer. Já telephonei para a casa de saude mais proxima e em dez minutos estará aqui um carro especial para doentes, que a transportará.

Harry Taxon não ficou muito satisfeito com a ultima informação do doutor. Gostaria de fallar, com o mestre antes que se tomasse qualquer deliberação.

Mas o doutor Jenkins sabia, melhor do que ninguém, como se devia proceder no interesse e em favor da saude da joven.

—Que especie de envenenamento é o d'ella?

O doutor encolheu os hombros.

—N'esse ponto, meu rapaz, é que a resposta se torna difficil. O que sei é que não posso inclinar este envenenamento na categoria vulgar. Suspeito que anda uma pessoa muito astuciosa e intelligente metida n'este negocio.

—Que queres dizer?

O medico tomou novamente um ar pensativo.

—Na minha vida pratica tem me apparecido bastantes casos em que o frasco de veneno tem o seu papel destruidor e nos quaes eu, por fim, descubro a causa. Mas n'este, a minha sciencia fraquejou por momentos. Não é veneno que contenha strychnina, ou acido prussico, ou arsenico. Também não é atropina.

—E porque não, perguntou eu? interrompeu Harry?

—E' muito simples. A infeliz tomou o veneno muitas horas antes de descer na estação em frente da qual caiu. Só muito lentamente o veneno fez o seu effeito, razão porque tenho de pôr de parte os que citei. Mas ainda ha mais.

«O criminoso parece ter sabido com a maxima certeza, o tempo que a joven poderia manter-se do pé. Sabia, tambem, que só depois d'algumas horas a sua victima sentiria os effeitos. Como medico, fiz o que pude; cabelhes agora a vez, a vocês, criminalistas.

Harry Taxon apertou affectuosamente a mão do amigo e despediu-se.

—Só uma pergunta mais. Ha quanto tempo devia a minha protegida ter ingerido o veneno, quando cahiu?

O medico encolheu os hombros.

—Já te disse que não posso affirmar-t'o com plena certeza. Talvez a propria victima te possa dar esses esclarecimentos com mais precisão.

—Julgas que ella se curará tão depressa?

—Espero, sim, como te disse. Ah! julgo que chega o carro da casa de saude. Vem ainda mais depressa do que eu julguei.

Harry Taxon teve que cessar as perguntas, mas decidiu occupar-se d'aquelle mysterioso caso.

Ao approximar-se rapidamente da janella tornou a ver o pintor. D'esta vez, sir John Everet estava sob a varanda d'uma casa fronteira e examinava, indifferente na apparencia, o carro de doentes.

—O homem tornase me cada vez mais suspeito e espero que o mestre não deixará de o observar nos proximos dias.

A joven que, apesar de ter voltado a si, não se achava ainda em estado de andar ou de dar respostas-laras, foi conduzida rapidamente para o carro que, depois de o enfermeiro que o acompanhava ter recebido uma guia do doutor Jenkins, se affastou a toda a pressa:

Harry Taxon pôz-se, quasi involuntariamente, em bicos de pés, para melhor observar o homem da capa preta que se achava sob a varanda fronteira. Viu como elle seguiu com a vista o carro de doentes, abanando a cabeça, como uma pessoa que não percebe ou não acredita o que vê.

Ora o homem da capa vira, inludivelmente, que

era a rapariga desmaiada e não outra, a transportada.

Harry Tazon fallou ainda uns momentos com o doutor. Em seguida, resolutamente, apoderou-se da malinha de couro da joven e, com um aperto de mão, separou-se de Jenkins.

Meia hora depois, achava-se em face do mestre.

CAPITULO II

As suspeitas de Lyssy

—Conta-me então a outra historia, meu rapaz, disse Holmes para Harry Taxon. A incumbencia que te dei foi desempenhada por ti tal qual como eu queria e tenho esperanca de ter esses patifes, muito brevemente, na prisão.

Harry Taxon começou então a descrever o seu encontro com a rapariga que salvára.

Sherlock Holmes estendeu-se n'uma grande cadeira de verga, junto da janella, dando estalos com os dedos, enquanto do cachimbo subiam especies de nuvens de fumo. Não podia notar-se qual o effeito que a descripção de Harry lhe fazia. Nenhuma das feições se contrahia, nem um unico segundo a expressão do seu rosto magro, energico, mudou.

De tempos a tempos, o grande policia tirava o cachimbo da boca, sacudia-o e enchia-o de novo.

Harry Taxon não se desconcertou com a apparente indifferença do mestre, porque lhe conhecia as maneiras.

Quando acabou a narração, Sherlock Holmes voltou para elle o rosto intelligente e energico.

—E que crês tu que se occulta n'este caso? perguntou serenamente. Gostava de saber se já és capaz de proceder e pensar só, n'um caso emaranhado.

Harry enthusiasinou-se logo.

—A joven tomou, segundo a opinião do doutor Jenkins, um veneno que, por enquanto, não sabemos qual seja. Agora pergunto porque e com que intuito a envenenaram, o que devo vir a saber com bastante facilidade, logo que a doente estiver em estado de me poder dizer de onde vinha e se tem residencia em Londres.

—Bem, concordou Sherlock Holmes, muito bem, mas até aqui não acho nada de original no que me dizes.

Harry Taxon proseguiu, na sua voz clara e serena:

—A rapariga é d'uma grande belleza, e uns traços de soffrimento impressos em volta dos labios dizem-me que deve ter tido dias terribes nos ultimos tempos; atrevo-me, mesmo, a affirmar que, durante a viagem, deve ter soffrido amargamente.

«N'isso tudo está implicado o homem que eu estive observando em frente do posto de soccorros.

Sherlock Holmes teve um ligeiro sorriso que excitou um pouco Harry.

—E se esse homem não fôsse mais que um innocente transeunte.

—N'esse caso consideram-me hia eu o mais burro dos tres reinos unidos, mestre! foi a energica resposta. O homem está implicado na questão do envenenamento. Enforquem-me se assim não for.

—Acho que terias feito muito bem, seguindo o sem que de tal se apercebesse, acrescentou Sherlock Holmes. Foi uma grande tolice tál o deixado escapar.

—Mestre, tive essa ideia e comprehendí bem a sua utilidade, mas o que mais desejava era ter uma noticia segura, acerca da rapariga, dada pelo doutor. Achei este facto igualmente importante.

—Póde ser. Contínua.

—O homem que eu estive observando não é outro senão o pintor sir John Everet.

Até então, Harry tinha evitado pronunciar-lhe o nome.

Involuntariamente admirado, o policia fitou o seu ajudante.

Começas então, a inventar historias bonitas, Harry? Concordeo que o envenenamento da rapariga é, até certo ponto, mysterioso, se é que não está já explicada a esta hora. Mas incluirei no teu caso e nos teus calculos sir John Everet, actualmnte o pintor mais celebre de Londres, parece-me muito arriscado.

—Não o ignoro, mestre, respondeu Harry tranquillamente. Mas apesar do facto que o homem vestia ser muito pouco elegante e nada consenaneo com a maneira requintada de vestir de sir John Everet, eu affirmo e affirmarei sempre que era elle quem seguiu a rapariga, quando a transportei para o posto de soccorros. Depois ficou esperando na rua qual o resultado da tentativa de salvação. Quando viu que a doente era transportada para o hospital, affastou-se abandonando a cabeça.

—E qual julgas que seja a razão d'esse gesto?

—Julgo que ficou admirado por a sciencia do doutor Jenkins ter conseguido reanimar a rapariga.

Sherlock Holmes apontou para uma mesa collocada por traz de Harry, dizendo:

—Passa-me esse exemplar da «*Pail Mall Gazette*» que está sobre os outros. Li esta manhã, antes d'almoo, uma critica do novo quadro de sir John Everet, que está exposto ha dois dias na Royal Academy, tendo sido visitado por centenas de pessoas.

—Um quadro, mestre? não sei nada d'isso.

—Vês, meu rapaz, ainda estás longe de conhecer e de ver tudo o que se passa em Londres e, em parte, na restante Inglaterra. Toma nota.

Holmes pegou no jornal, que teve de dobrar em virtude do seu formato e procurou a noticia que citára.

—Cá está ella! Em voz alta, leu o seguinte:

«A concorrência á Royal Academy, onde está exposto o quadro do nosso celebre compatriota John Everet, está tomando enormes proporções. Chegou a tal ponto que os empregados da sala são empurrados para o lado, pelo publico que acerca, litteralmente, o quadro. «*Pregado na cruz*» é o seu titulo e todos os

visitantes ficam presos, surpresos, pela extraordinária expressão do joven christão que está morrendo crucificado, em virtude da sua crença. Raras vezes temos visto em Londres uma produção d'um tão grande valor artistico e o publico, ali reunido, olha durante minutos, como petrificado, a infeliz victima do sanguinario Nero.

«E' frequente ouvir-se perguntar quem terá servido de modelo ao celebre pintor para as suas figuras. Um rosto de mulher, uma joven christã, ajoelhada ao pé da cruz, tem egualmente uma expressão de soffrimento tão verdadeira que aterra.

«A pergunta, feita ao mestre, acerca de quem são os modelos do seu quadro, nunca obteve resposta, o que mais augmenta o mysterioso. E' claro que isto nada tem com o alto valor da arte de John Everet. Tenham ou não vivido os seus modelos, o que devemos é alegrar nos por possuirmos um artista que começa a fallar de si não só em Inglaterra, como no restante universo.»

Sherlock Holmes poz de banda o jornal e tirou algumas fumaças do cachimbo.

—Ora aqui está, disse lentamente, fitando um ponto no espaço. Em seguida levantou-se. Espera-me aqui ou, ainda melhor, continuou, vae á Royal Academy e entrega ao director este bilhete.

Emquanto fallava, ia escrevendo um bilhetinho, que entregou a Harry.

—Podes ler o que escrevi, acrescentou.

Harry Taxou leu.

—Ah! Começo a comprehender. Mas se a minha supposição, que me parece ser egual á sua, se confirmar, trata-se do maior malvado de todo o paiz! Um criminoso assim merece a forca.

O policia voltou-se lentamente para o ajudante.

—Devagar, sempre devagar, meu rapaz, disse com um sorriso. Por enquanto, nada sabemos e peço-te que guardes para ti as tuas opiniões. John Everet não é qualquer vagabundo que possamos mandor prender por suspeita, mandando-o ao commissario de policial. Se elle estiver as pernas, até um Sherlock Holmes pode tropeçar!

—Affianço-lhe que tal não ha-de succeder, contestou Harry sorrindo. Levo a nossa machina photographica, vou á Royal Academy e, á bora, do descanço do meio-dia, quando as salas estão fechadas, farei uma photographia, o mais nitida possivel, do quadro. Quando o mestre voltar já eu terei revelado e secado a chapa, de forma a poder tirar uma prova á nossa luz electrica.

O grande policia vestiu o sobretudo, pegou no chapéu e, ao sair, avisou a governante que talvez só voltasse ao principio da noite.

O trem, para o qual subiu na praça mais proxima, conduziu-o rapidamente á casa de saude onde permanecia a joven salva por Harry.

Minutos depois achava-se no quarto e, approximando-se vagarosamente do leito, sentou-se n'uma cadeira e esperou que a doente abrisse os olhos.

Um som, um queixume ligeiro saiu dos labios en-

trebertos de Lissy, que moveu as mãos que repousavam sobre a colcha e descerrou as palpebras.

Sherlock Holmes reconheceu em seguida que a doente estava na posse plena dos sentidos e que não tinha, sebre. Não se moveu, mas Lissy voltou lentamente a cabeça e os seus olhos encontraram os do homem sentado junto do leito. Pareceu assustar-se um pouco e uma pergunta pairou-lhe nos labios. Em seguida, porém, occorreu-lhe provavelmente a ideia de que podia ser um dos muitos medicos que ella já vira desde que a tinham transportado para ali.

—Nada receie, miss Malton, começou o policia com uma voz tranquillizadora. Estou aqui apenas no desejo de ver-lhe tão util quanto isso me seja possível, ajudando a afastar as nuvens que escureceram a sua existencia.

A doente ergueu-se instinctivamente um pouco e lançou a Sherlock Holmes um olhar cheio d'angustia e receio.

—O senhor pronunciou o meu nome?

«D'onde me conhece?

Sherlock Holmes sorriu.

—Vou fallar-lhe claro e depressa. Já ouviu alguma vez o nome de Sherlock Holmes?

A joven exclamou:

—Quem não conhece o nome do mair celebre policia de Londres?

O grande criminalista proseguiu:

«O ajudante de Sherlock Holmes foi casualmente testemunha do que lhe succedeu na estação. Foi elle tambem quem a conduziu a toda a pressa para o posto de socorros mais proximo, levando o medico a tratar da senhora immediatamente. Posso affirmar-lhe, miss Malton, que estaria perdida se Harry não tivesse mostrado tanto sangue frio e decisão.

—Bem sei, senhor. . . Como hei-de chamar-lhe?

O policia voltou a sorrir.

—Supponha que é o proprio Sherlock Holmes que está á sua disposição, miss Malton.

—O senhor é Sherlock Holmes? exclamou a doente, e, em seguida cobriu o rosto pallido com as mãos, rompendo em soluços.

Sherlock Holmes nada fez para socegar-a: sabia, por experiencia, que estas expansões elementares da dôr teem o seu lado bom.

Durou algum tempo, primeiro que Lissy Malton se tivesse dominado o sufficiente para poder fallar.

—Que o traz junto de mim, sr. Holmes? perguntou, estremeecendo.

—Como já lhe disse, o desejo de ser-lhe prestavel. Cometteeu-se na sua pessoa um crime, que foi precedido ou vae ser seguido d'outros. E' isso que quero impedir a todo o transe.

«Só lhe peço o seguinte: confie absolutamente em mim. A expressão do seu rosto diz-me o sufficiente para eu suppr que tem tido dias de grande soffrimento. Tambem já sei que mora com sua mãe na Morland Street e que partiu no rapido de Portsmouth, passando por Winchester, depois de ter vindo da ilha

de Wight; onde foi fazer uma visita ao celebre pintor Sir John Everet.

Esta ultima phrase era um arrojo de Holmes, pois não tinha a certeza do que affirmava.

Nos olhos azues de Lissy reflectiu-se um extranho pavor.

— Já sabe tudo isso, sr. Holme? Então sabe certamente muito mais. Naturalmente já tem noticias do meu infeliz Edgar? Encontrou-se o seu cadaver ou nem mesmo posso ir chorar sobre o seu tumulo?

Sherlock Holmes decorou estas phrases palavra por palavra, Edgar era então o nome do segundo homem destinado a representar um papel n'este drama.

— E' verdade que sei muita coisa mas, d'esta vez, não estou habilitado a dizer-lhe mais do que lhe disse, respondeu. Quer contar-me já o que se passou ou sente-se ainda muito fraco? Se assim é, volto hoje á noite ou amanhã de manhã.

A enferma acenou que não. Ella propria parecia ter desejos de não continuar por muito tempo na incerteza.

— Vae ouvir tudo, sr. Holmes, e pedir-lhe-hei em seguida a sua opinião acerca d'este mysterioso assumpto, pois sinto que tenho inimigos tão perigosos como Edgar.

Sherlock Holmes fez um gesto approvativo.

— Falle, peço-lhe, insistentemente.

E miss Lissy Malton começou a sua narração com uma voz clara e intelligivel.

CAPITULO III

Q que succedeu a Lissy na ilha

— Primeiro que tudo tenho de dizer-lhe quem sou, sr. Holmes. Chamo-me Lissy Malton, como já sabe e habito, em companhia de minha mãe, na Morcland Street.

« Não somos ricas, mas a modesta pensão que minha mãe recebe do governo, evita que cheguemos á miseria. Ha uns seis mezes, travei conhecimento na Royal Academy com um manco que me explicou um quadro, ou por outra, o assumpto d'um quadro, com a maxima gentileza.

O policia fitou a sua interlocutora.

Era Edgar, segundo supponho.

— Sim, Edgar Bruce, repetiu a enferma córando ligeiramente. Edgar era diferente dos outros rapazes que, em regra, são desagradaveis pela negligencia com que fazem a côrte a uma rapariga. Se bem que me tenha offerecido, depois, acompanhar-me, fê-lo d'uma fórma tão respeitosa e tão correcta, que não tive coragem de recusar. Chegadas á rua, fomos envolvidos n'um ajuntamento de que só pudemos livrar-nos subindo para um trem. Edgar deu o endereço de minha mãe ao cocheiro. Em virtude de m'o ter perguntado, dissera-lhe onde morava.

Sherlock Holmes aproveitou a pequena pausa que fez Lissy Malton, para dizer:

— O resto posso eu suppon, pouco mais ou menos. O manco fez uma visita a sua mãe; reconheceram-lhe ambas um optimo caracter e deu-se o que era fatal: comeou a amá-lo, não é verdade?

— Sim, sr. Holmes, murmurou a rapariga. Edgar pediu licença a minha mãe para nos visitar de vez em quando e, durante essas visitas, conversava d'uma forma tão atrahente, que as horas que passava com-nosco eram as que minha mãe considerava as mais felizes, presentemente.

« Não lhe passou despercebido que nos amávamos, mas nada disse e sorria apenas, com um ar feliz. Se bem que Edgar fôsse ainda muito novo para poder pensar immediatamente no casamento, isso não impedia que nos amássemos.

« Edgar é, não sei se já o disse, discipulo do celebre pintor sir John Everet.

Sherlock Holmes fez estalar os dedos da fórma que lhe era muito peculiar. Fazia-o sempre que uma ideia nova se lhe apoderava fortemente do cerebro.

— Estava esperando ouvir isso mesmo, miss Malton.

« As suas palavras confirmam uma supposição minha. Edgar Bruce era então declaradamente seu noivo?

— Sim, sr. Holmes, e não hesito em dizer-lhe que era para mim tudo n'esta vida. Tanto mais doloroso foi o golpe que me feriu e que eu nunca teria esperado. Edgar Bruce tinha-nos visitado uma tarde e nós estávamos sentadas, conversando animadamente no pequeno terraço da nossa casa, que é rodeada por um jardim. De vez em quando parecia-me vêr ensombrar-se-lhe o rosto, mas quando procurava informar-me, elle afastava o meu receio com um sorriso e algumas palavras alegres. Communicou-nos, a minha mãe e a mim, que tinha de ausentar-se por quinze dias, porque recebera uma carta do mestre, chamando-o a Bembridge. Tratava-se d'um novo quadro, d'uma obra grandiosa, segundo dava a entender John Everet.

« O assumpto do quadro era desconhecido para Edgar, pois sir John Everet, segundo o seu extranho costume, fazia todos os preparativos no maior segredo. Soubemos tambem que o celebre artista se fechava frequentemente durante semanas no seu vasto atelier, construido entre as arvores d'um velho parque e a ninguém era permitida a entrada a não ser ao velho creado Pooker, que lhe fornece as refeições por uma janella.

« Passado o tempo que dura esse trabalho insano, John Everet reaparece muito emagrecido e possuido de grande excitação nervosa, mas a obra que elle produz n'esses dias mysteriosos é sempre uma obra prima.

— Perdão, miss Malton, interrompeu Holmes.

« John Everet tem junto de si alguns discipulos, que o ajudam na factura dos quadros, n'essas occasiões?

— Não sei como isso é, declarou Lissy, mas sei que é com um extremo cuidado que o mestre escolhe

os pouquíssimos discípulos a quem permite a entrada. Nos últimos tempos, tem trabalhado apenas com Edgar, mas nem a esse tem permitido ver o último quadro.

—Será esse o quadro exposto na Royal Academy e de que falla toda a gente em Londres?

—Não pode ser outro, pois todos os anteriores foram vendidos por grandes sommas para o estrangeiro. Ainda não vi o tal quadro sensacional, pois segundo li, só hontem começou a exposição.

—Continúe, miss Malton. Ainda uma informação.

«Será capaz de dizer-me o dia e a hora em que, juntamente com sua mãe, viu Edgar Bruce pela última vez?»

A rapariga concentrou-se um momento e respondeu em seguida com segurança:

—Foi n'uma quarta-feira, fez justamente hoje tres semanas. Tenho a certeza absoluta.

Sherlock Holmes fez um gesto affirmativo. Não lhe era necessario tomar notas.

—Edgar Bruce partiu, pois, de Londres para a ilha de Wight, para pôr-se á disposição de John Everet na factura do novo quadro. Com certeza que recebeu algumas linhas datadas de Bembridge, annunciando a chegada de Edgar.

A joven abanou tristemente a cabeça.

—Não, sr. Holmes, nada recebi. Desde a sua partida, nem uma só linha recebi d'elle.

O policia passou a mão pelo queixo e murmurou:

—Demonio! Isso é estúpido! Se possuíssemos duas simples linhas vindas de Bembridge, ficávamos sabendo que Edgar tinha chegado junto de John Everet. Assim, porém, temos novas difficuldades.

—Não comprehendo sr. Holmes.

—Não faz mal, miss Malton, continúe a sua narração.

—O meu receio e a minha inquietação augmentavam de dia para dia, se bem que Edgar nos tivesse declarado que lhe seria certamente difficil escrever grandes cartas, pois, provavelmente, o mestre fechava-se com elle no atelier até estar acabado o novo quadro. Eu instei, porém, com elle, para que fizesse o impossivel, mandando-me quanto mais não fosse, tres ou quatro palavras que me socegassem e me garantissem que estava de saude. Uma inexplicavel e extranha inquietação se apoderou de mim, quando Edgar se despediu, e comecei soluçando d'uma fórmula irreprimivel, n'um desassocego enorme.

—E' um pouco nervosa, miss Malton?

—Sou, effectivamente, sr. Holmes, mas um receio tão inexplicavel como eu senti, deve ter, por força, razões especiaes.

—E' possível, retorquiu Holmes. Que succedeu em seguida?

—Esperámos mais de quinze dias, sem a mais leve noticia. Procuráva todos os dias nos jornaes algum artigo que contivesse o nome de John Everet ou do seu novo quadro; nunca encontrei a mais simples referencia. Resolvi me, finalmente, a escrever directame-

mente ao celebre pintor. Vi uma vez o seu retrato n'uma illustração; não o conhecia pessoalmente. O seu rosto pallido e magro, com os olhos encovados, enchou-me de receio. Mas todo o povo de Londres sente orgulho em possuir um tal artista.

«A minha carta devia ter-lhe sido entregue na bella propriedade, cuja situação Edgar nos tinha descripto minuciosamente. Esperei, contudo, debalde uma resposta. John Everet não me achou, provavelmente, digna d'uma resposta.

«Este silencio teve como resultado augmentar mais ainda o nosso, ou, por outra, o meu desassocego, de forma que comecei a viver n'um constante estado de exaltação. Par fim, declarei a minha mãe que queria ir pessoalmente a Bembridge, fallar com o pintor. Minha mãe tentou reter-me, mas nada conseguiu e eu resolvi partir. As economias que eu fizera nos últimos annos chegavam justamente para pagar a viagem e para as despesas occasionadas pela minha demora, que eu calculei não dever exceder dois dias. Ia firmemente resolvida a não sahir da ilha de Wight sem estar absolutamente socegada sobre o destino de Edgar. Parti, pois, acompanhada pelas bênçãos de minha mãe.

A joven fez uma pausa e respirou profundamente.

Sherlock Holmes continuou, por ella, a narrativa.

—Chegou sem novidade a Porthsmouth e embarcou para a ilha. Disseram-lhe onde ficava situada a propriedade de sir John Everet e dirigiu-se sem demora para ali. Isto passava-se calculando as horas de partida e chegada dos comboios, durante a tarde. Tocou á campainha do grande portão do parque e appareceu-lhe o velho Pooker a perguntar o que desejava.

«E' assim?»

A rapariga olhou espantada para Holmes.

—O senhor conhece Bembridge e a propriedade de Everet?

—Conhego muita coisa, miss Malton, não se admire. Infelizmente, o interior do parque é-me desconhecido. Sei apenas que uma parte d'elle, termina junto de agua.

—Assim é, senhor Holmes. Um creado velho, com ar ameaçador, perguntou-me atravez dos grossos varões de ferro, que desejava.

«Eu tremia, excitada. Apenas acabára de manifestar o meu desejo de fallar com sir John Everet, elle riu-se com desprezo, accrescentando que o patrão não estava á disposição de qualquer creatura duvidosa que quizesse fallar-lhe. Em seguida, sem ouvir mais nada, affastou-se e desapareceu. Passou mais d'um quarto d'hora e já eu pensava que me deixariam á porta, sem uma resposta, nada mais me restando que dirigir-me á policia de Bembridge, para colher informações, quando ouvi de novo os passos pezados do creado. Trazia um molho de chaves na mão e abriu a grade. Ao mesmo tempo olhava para ambos os lados da estrada, certificando-se que não estava ninguém nas proximidades que me visse entrar.

«Um medo horrivel se apoderou de mim, ao sentir

fechar-se de novo a grade, mas dominei-me e entrei sem hesitação.

«Lembrei-me de repente que podia ocorrer ao velho a ideia de me assassinar, para eu não importuná-lo. Era certamente, uma presunção pueril, e não havia razões para tal receio.

«Apezar de tudo, essa ideia não se me afastava do cérebro; mas eu queria saber que era feito de Edgar, mesmo com risco de morte.

«O caminho era ladeado de velhas arvores, até á habitação, n'um estylo acastellado, onde o artista vivia a maior parte do anno. Os seus servidores resumiam-se no velho creado que me abriu o portão.

«Quando o mestre trabalhava com um discípulo ou tinha junto de si um modelo, sem o qual não podia concluir os seus grandes quadros; qualquer d'estas pessoas tinha, aposentos n'uma pequena casa separada do edificio principal.

«Ao approximar-me da casa, o meu receio redobrou. Nenhum ruído se ouvia, a não ser o dos nossos passos pizando a areia. O vento tinha abrandado, de forma que nem uma folha se agitava.

«Um pequeno terraço corria ao longo do castello. Os largos degraus que conduziam á entrada principal, estavam desconjunctados em varios pontos, sem que o proprietario tivesse achado necessario fazê-los reparar.

«O velho muro do terraço e a propria parede do edificio achavam-se egualmente cheias de buracos. Os castello devia ter alguns seculos, a julgar pela fórma das janellas.

Nem uma só pessoa se mostrou junto da casa, nem um cão ladrão, quando nos approximámos.

Hesitei, involuntariamente, ao subir o primeiro degrau. O velho fitou-me com os olhos meio cerrados com uma expressão ironica.

—Tem receio, miss?

—Eu sacudi a cabeça e retorqui corajosamente:

—Porque havia eu de ter receio? Hei de fallar com sir John Everet e elle dar-me-ha informações acerca de Edgar Bruce.

O velho nada mais disse e guiou-me até ao vestibulo, que estava quasi ás escuras, apezar de brilhar ainda lá fóra o sol, com toda a sua pujança.

O chão era de pedra, sem ter uma passadeira ou uma alcatifa. Pelas janellas de vidros de côr, cheios de pó, pouca luz entrava. Respirava se em todo o castello um ar abafado.

Esperei a entrada de sir John Everet sem me sentar n'uma das pezas das poltronas.

Um terror mysterioso apoderara-se de mim, sufocando-me, quasi. Sustive a respiração, escutando se não ouvia a voz de Edgar ou d'outra qualquer pessoa; quando uma porta se abriu, apparecendo no limiar o pintor. Vestia de negro, cobrindo-o uma especie de béca de velludo.

Soltei involuntariamente um pequeno grito.

O rosto pallido e o olhar amortecido, juntamente com o estranho vestuario, fazia-me lembrar um morto sahido de súbito do tumulo.

Julguei-o doente ou, pelo menos minado por um fogo intimo, devorador.

—Pooker disse-me que veio até aqui para me perguntar por Edgar Bruce, disse-me com uma voz sibillante. Pooker podia ter he respondido logo que eu nada mais quero ter que fazer com esse senhor, depois que elle fugiu d'aqui durante a noite.

Estremecei, apavorada.

—Edgar abandonou a sua casa? exclamei, não é possivel!

—Porque não ha de ser possivel? foi a sua resposta. Tenho muito que fazer e, além d'isso, não tenho grande empenho em fallar comsigo sobre o meu antigo discípulo. Edgar Bruce esteve effectivamente alguns dias no meu atelier, coadjuvando-me no meu ultimo quadro mas; uma manhã, tinha desaparecido. Nem uma d'ellas deixou, explicando a razão da sua partida e, até hoje, tenho-o esperado em vão.

—Mas porque não communicou o senhor a minha mãe e a mim o desaparelhamento de Edgar? não pude deixar de dizer-lhe, indignada.

—Não recebi a minha carta, ha mais d'uma semana, na qual elle pedia instantaneamente informações acerca de Edgar?

O artista encolheu os hombros.

Não recebi nenhuma carta; extraviou-se, provavelmente, mas mesmo que a recebesse, depende exclusivamente da minha vontade responder ou não ás cartas que recebo.

Uma enorme suspeita apoderou-se do meu espirito. Edgar contara-nos sempre que gozava da especial predileção do mestre, a ponto de, em Londres, todos o denominarem o discípulo querido de Everet. E o pintor fallava-me agora do meu noivo d'uma fórma tão fria, tão aspera?

—Tenha compaixão, sir Everet, pronunciei tremendo. Conte-me o que se passou dentro dos muros d'este parque, que pôssa ter provocado a fuga de Edgar.

—Não succedeu nada de extraordinário.

—Surprendi-o apenas, um dia, no momento em que combinava com a rapariga que me servia de modelo, uma entrevista no parque. Ora eu não supporto semelhante procedimento e tinha-o avisado, por conhecer justamente a loura Mary.

—Não é verdade o que me diz acerca de Edgar, sir John Everet, retorqui-lhe.

«O senhor occultam-me qualquer coisa mysteriosa, acarretando sobre o meu noivo uma suspeita infame, que me offende. Elle não é tão leveano como o senhor quer fazer acreditar; amava-me e era incapaz de ter relações com um modelo. Fallámos muitas vezes d'esses entes infelizes e desprezados. Edgar via nos modelos instrumentos para o exercicio do seu mister de pintor e nada mais.

«O artista cruzou os braços e approximou-se de mim, fitando-me como se quizesse atravessar-me com o olhar.

—Atreve-se a accusar-me de mentir, a mim, John Everet?

«Reuei instinctivamente, tal a terrível expressão do seu rosto.

—Que querem significar as suas palavras? Só falta accusar-me de ter assassinado Edgar Bruce, gritando essas palavras atravez as ruas!

«Um rijo cortante seguiu-se a esta phrase, e John Everet pareceu-me neste momento um demonio transformado em figura humana.

«Mas eu não queria partir sem saber que era feito de Edgar. Reuni todas as minhas forças e, tremendo, atrevi-me a dizer-lhe:

—Não saio d'esta casa sem que me diga onde posso encontrar Edgar. Estou convencida que sabe onde elle se acha e que tudo que me disse, todo o incorrecto procedimento d'elle não passa d'uma invenção da sua parte! Sr. John Everet, eu sou capaz de participar á policia de Londres, quando regressar, o desapparecimento de Edgar, indicando-lhe tambem que só o senhor conhece o seu paradeiro, porque tenho a firme convicção que o senhor foi o demonio que surgiu na vida do meu noivo!

«Ainda hoje não sei como tive coragem de pronunciar estas palavras, depois de tudo que se tinha passado.

«O pintor fez um movimento como se quizesse lançar-se sobre mim e os olhos pareciam querer-lhe sair das orbitas.

«Os seus dedos, compridos e curvos como garras, crisparam-se novamente, e vi-lhe os dentes brancos, como os d'um tigre.

«Julguei que ia atacar-me e fiz um movimento de recuo, em direcção á porta, quando um riso feroz, medonho, me deteve.

—Proceda como quizer. Direi que está louca e farei que a encerrem n'uma casa de saúde. E' o logar mais proprio para creaturas como a senhora, acrescentou com ironia.

—O ultimo resto de coragem abandonou-me. Avancei para elle e, no extremo da excitação, lancei-lhe em rosto a accusação clara, flagrante:

«Edgar Bruce já não é vivo, porque o senhor assassinou-o!

«Eu não tinha provas para tão horrivel accusação; não tinha base em que me firmar nem sei que delirio me assaltou. Parecia-me que as mãos d'aquelle homem deviam ter commettido muitos crimes, que soubéra disfarçar com pericia. Ainda hoje, nenhuma prova possuo, mas o meu instincto diz-me que não erro.

«Vi ainda distinctamente os olhos de John Everet abrirem-se desmedidamente e levantar-se a mão que ia esmagar-me. Um véu taldou-me a vista e cai sem sentidos.

—Alto! exclamou n'este momento Sherlock Holmes. Chegamos a um ponto interessante, que me parece de mais valor que os anteriores.

«Recorda-se talvez, apesar do seu desmaio, d'alguns factos ou d'alguma coisa que lhe tenham feito, enquanto estava sem accôrdo?

Lissy Malton retorquiu:

—Não sei quanto tempo estive sem sentidos, sr.

Holmes. Quando voltei a mim era noite. Tinha-me transportado para outro aposento diferente d'aquelle onde se passára a scena com John Everet e tive que reflectir alguns momentos, antes de recordar-me. O quarto em que me achava estava mobilado com simplicidade e sobre a mesa havia um candieiro. Leyantei-me e esfregava os olhos, relembrando os factos succedidos nas ultimas horas, quando a porta se abriu. Appareceu-me o velho creado e, com ar aborrecido, disse-me:

—Terá forças para voltar para Londres, miss?

«Debalde procurei lêr, no rosto do velho, uma expressão de pena ou compaixão. Quando quiz pôr-me de pé, tornei a cair para traz. A minha fraqueza era maior do que eu suppunha.

—De-me um copo d'agua, pedi com voz baixa!

—Devia, antes, tomar um pouco de vinho finto, miss, respondeu-me o creado, pois a agua não lhe dará forças nem para chegar ao caes de Bembridge. Para a senhora poder tomar o cômbão da noite que chega a Londres amanhã de manhã sempre precisa ter forças.

«Achei-lhe razão e concordei com um gesto.

O velho approxinou-se d'um armario cavado na parede, extraiu d'elle uma garrafa de vinho e encheu um copo.

—Beba, disse-me.

—Alto! tornei a interromper Sherlock Holmes. Não notou nada no vinho, miss Malton? Quero dizer, não lhe achou nenhum gosto estranho?

—Não notei nada.

—Hum! disse o policia, então já a senhora tinha tomado antes algumas gottas d'um veneno desconhecido, que só horas depois começou a fazer effeito. Digo isto porque estou absolutamente convencido que queriam envenená-la, porque tinham motivos para recedá-la.

—Tambem o creio, se bem que não tenha provas cabaes.

—E' claro! Isso, porém, só prova que estamos tratando com um patife intelligente e cheio de precauções. Felizmente, tenho-me dedicado ao estudo de todos os venenos, conhecidos e secretos, e julgo que não estou longe de descobrir qual foi o que lhe fizeram ingerir. Fallaremos d'isso depois. Tome, pois, um copo de vinho e sentiu-se com bastantes forças para sair do velho castello de sir John Everet. Supponho que ainda se achava na mesma casa?

—Sim, retorquiu miss Malton. Ao sair, o creado communicou-me que o patrão o chamára quando eu caíra sem sentidos e que lhe ordenára de me conservar em casa até eu voltar a mim. Logo que tal acontecesse, devia acompanhar-me até fora do parque e dizer-me que elle, John Everet, esperava socegradamente a minha queixa. A minha intenção era, effectivamente, communicar as minhas suspeitas á policia de Londres, na manhã seguinte. O velho creado acompanhou-me ao portão e fechou a grade após mim, sem acrescentar uma palavra. Pareceu-me, contudo, ou-

vir, vindo da escuridão do parque, um riso satânico. Pôde, porém, ter sido illusão dos meus sentidos.

«O vapor que faz a travessia para Portsmouth partiu um pouco mais tarde do que eu suppunha, de fórma que perdi o comboio que chega a Londres ao romper da manhã e só alcancei o seguinte.

«Cansada de corpo e de espirito consegui, finalmente, obter logar n'um compartimento e viajei durante toda a noite, até Londres.

—Diga-me, miss Malton, inquiriu Sherlock Holmes, que sentiu durante a viagem? Supponho que, além do copo de vinho que tomou antes de sair do castello, nada mais tinha ingerido?

—Assim é, realmente, sr. Holmes. Não tinha vontade de comer nem sentia dôres. Tudo o que sentia resumia-se n'uma agonia que aumentava de momento para momento, como se uma mão de ferro me esmagasse o coração.

«Julguei, por vezes, que me cessaria a respiração, e o pulso parava-me quasi, de vez em quando. Quanto mais se approximava o fim da minha viagem, tanto mais augmentava aquella horrivel sensação. Ao chegar a Londres, de manhã, mal podia manter-me de pé. Na praça em frente da estação, pareceu-me repentinamente que um raio caia junto de mim e baqueei, como fulminada. O que succedeu depois, sabe-o sr. Holmes certamente melhor que eu.

Sherlock fez um gesto affirmativo.

—Agradeço-lhe, miss Malton, as suas informações. Permitta-me ainda que lhe faça algumas perguntas secundarias: Edgar Bruce tem parentes?

—Não tem ninguem, senhor Holmes. Os paes morreram ha muito e não tem irmãos.

—E que relações tinha elle? Nunca lhe fez confidencias a este respeito?

—Conheço bem toda a sua vida, foi a tranquilla resposta. Edgar vivia muito retirado e muito economicamente. Tinha enthusiasmo, verdadeira paixão pela sua arte, e por isso admirava sir Everet, apesar do seu estranho character. Só devido a esta admiração se explica que elle se deixasse encerrar no atelier do pintor.

—Edgar Bruce não terá tido nunca quaesquer relações, quero dizer, qualquer ligação amorosa?

—Nunca, senhor! N'esse ponto, creio firmemente no que me dizia o meu noivo, contestou a rapariga.

—Bem, foi a resposta de Holmes, levantando-se lentamente da cadeira. Fallei com o medico antes de vir aqui e, segundo vejo, o perigo está passado. A senhora deve-o á rapida intervenção e ao decidido procedimento do meu ajudante Harry Taxon. Mais meia hora do lethargo em que se achava e nem Deus poderia salvá-la. O veneno que lhe deram provoca uma morte apparente, que se torna real algum tempo depois. Basta fazerem-lhe ingerir um certo numero de gotas, o que aconteceu no castello de sir John Everet. Peço-lhe que nada conte, por agora, a ninguem e que não avise a policia. Deixe o caso por minha conta. Prometto-lhe solememente que, dentro de tres dias, ou lhe trago Edgar Bruce vivo ou...

O policia fez, quasi involuntariamente, uma pausa.

—Ou então é porque está morto! exclamou dolorosamente a joven. Era isso que queria dizer, sr. Holmes?

O policia fez um movimento quasi imperceptivel. —Até á vista, miss Malton, e não perca a esperança.

Com estas palavras, Sherlock Holmes afastou-se do leito e saiu do quarto da doente.

CAPITULO IV

No «Coelho Bravo»

Sherlock Holmes saiu do Elizabeth-Hospital e asbobiou levemente, aproximando-se logo um cab que o esperava á esquina.

O policia subiu para o carro, depois de ter dado uma morada ao cocheiro. Emquanto o vehiculo atravessava as ruas da cidade, ia anoitecendo.

Holmes conservava-se immovel, reflectindo no plano que o seu cerebro já ia delineando.

O fio d'este novo caso estava ainda um pouco emmaranhado, mas isso não obstaría a que Sherlock Holmes chegasse em breve a uma solução.

Tinha, porém, de proceder com muita prudencia, especialmente em virtude de sir John Everet ser uma personagem em evidencia. Esse homem tinha creado uma tal reputação, mesmo fóra das fronteiras da Inglaterra, que não era facil ouzar aital-o.

O que a joven lhe contára no hospital ácerca do artista fóra ouvido por Sherlock Holmes como um criminalista ouve sempre taes accusações.

Antes de tudo, Holmes tinha que extremar bem miss Malton de sir John Everet.

Emquanto o policia reflectia, o carro ia seguindo sempre. De subito, parou em frente do grande edificio central da policia de Londres.

—Espere-me, disse Holmes ao cocheiro, penetrando pela larga porta. Sem mesmo demorar o olhar sobre os varios policias e empregados que encontrou nos corredores, dirigiu-se apressadamente para uma determinada porta, abriu-a e entrou em seguida.

D'uma mesa ao fundo ouviu-se uma voz:

—Até que enfim, tornamos a vê-lo, sr. Holmes! Temos então algum caso especial?

—E' possivel, foi a resposta, mas ainda não é certo. Como vae, amigo Gordon?

Holmes estendeu a mão ao empregado que occupava o logar junto da mesa.

—Vamos indo, vamos indo. Em que posso servir-o?

—E' uma coisa bem simples, respondeu Sherlock Holmes, sentando-se. Eu interesso-me especialmente pelo nosso celebre compatriota sir John Everet e gostava de saber se elle já está em Londres. O senhor sabe que a sua ultima obra está exposta na Royal Academy?

—Li esta manhã, no jornal, sr. Holmes. Vou vêr immediatamente.

O inspector passou para uma sala ao lado e ouviu-se conversar com outro empregado. Passaram cinco minutos, durante os quaes Sherlock Holmes nada mais fez que dar estalos com os dedos, como era seu costume.

O inspector voltou, dizendo:

—Tem sorte, sr. Holmes. Sir John Everet encontra-se já em Londres, tendo chegado esta manhã e hospedando-se no hotel do costume.

—Então está no «Hotel do Rei de Irlanda», acrescentou Holmes.

—Assim é. Mas não se pôde saber o que se passa com o nosso celebre compatriota? Estará elle implicado n'algum crime importante?

O policia levantou-se e respondeu com um fino sorriso:

—Não, sr. Gordon, não se pôde saber. Talvez tallemos n'isso mais tarde, quando o assumpto estiver arrumado. Até á vista.

Com estas palavras apertou a mão do inspector, saindo do edificio tão rapidamente como tinha entrado. Subiu para o *cab* e dirigiu-se para casa.

Harry Taxon já tinha voltado, depois de ter desempenhado a missão de que o mestre o incumbira, Tirára uma porção de photographias do celebre quadro e secára-as com alcohol, de forma que poude mostrar algumas copias ao mestre. O policia examinou a obra de Harry Taxon em silencio. Com uma lente, viu folha por folha. Em seguida dobrou uma d'ellas, guardando-a na algibeira.

—Isto basta, Harry. Tenho agora outro trabalho para ti.

—A's ordens, mestre. Fico sempre contente, quando o senhor me dá qualquer incumbencia. Trata-se da joven que está na casa de saude?

—Sim, Harry. Vaes immediatamente postar-te nas proximidades da casa de saude, esperando que Lissy Malton, pois assim se chama a rapariga que salvaste, saia.

—Então ella já está restabelecida, mestre?

—Já, disse Sherlock Holmes, e tu pôdes gabar te de a teres salvo, porque sem a tua rapida intervenção, Lissy Malton não voltaria a abrir os olhos.

O joven policia ficou radiante, com a alegria que as palavras do mestre lhe causaram.

—Deve ser um veneno extraordinario esse, que mata com segurança n'um tempo dado e que, sem deixar effeitos ou perturbações, pôde ser destruido tão depressa.

—Eu creio saber, quasi com certeza, de que especie de veneno se trata. Falta me fazer uma experiencia. Não é um veneno conhecido; é um liquido usado já ha seculos pelos indios, mas conservado secreto por elles. Raros viajantes, apenas, tem conseguido obter algumas gottas. Julgo que tenho no nosso laboratorio um resto que, apesar de pouco, ha-de ser o sufficiente para desmacarar a pessoa que queria supprimir Lissy Malton.

—E essa pessoa é John Everet, o hypocrita! Sherlock Holmes pousou a mão sobre o hombro de Harry.

—E' isso que falta provar, meu amigo. Nada de exageros. Só com socego e serenidade é que se conseguem os fins, no nosso officio; nada de se deixar impressionar. As coisas são, ás vezes, o contrario do que parecem ser.

—Que devo fazer, mestre?

—Segue miss Malton sem que ella o perceba, e vaes para onde ella fór. E' possivel que só amanhã de manhã ella tenha alta. Se assim fór, tem paciencia. Quando ella sair, é natural que se dirija á Morcland Street, onde mora sua mãe, mas pôde ser que vá antes a qualquer outro ponto. Seja como fór, tu segue-a até amanhã á tarde. Espero te a essa hora aqui em casa.

—Pôde estar certo que cumprerei á risca as suas ordens. Tenciona fazer qualquer coisa esta noite?

—Tenciono, mas de nada me pôdes servir.

O ajudante hesitou um pouco e acrescentou em seguida:

—Mestre, o senhor tem estado tantas vezes já em perigo de morte, que é sempre bom eu saber onde está. Todos os criminosos de Londres juraram matalo e só esperam uma occasião favoravel.

—Isso sei eu, disse rindo o policia, ao mesmo tempo que accendia o cachimbo. Lamento, porém, não poder acceder aos desejos d'esses senhores. Antes que Sherlock Holmes desapareça, ainda muitos d'elles hão-de balouçar-se na forca. Harry Taxon sabia que de nada lhe servia insistir com o mestre.

N'esse momento entrou no quarto a velha governante, trazendo um monte de vestuario.

—Aqui lhe trago o fato que quer, sr. Holmes, disse, passando ao quarto de vestir.

Harry sorriu levemente. Sabia agora o que o mestre tencionava fazer durante a noite,

*
*
*

Um marinheiro, aparentemente embriagado, percorria em zig-zag uma travessa, praguejando com voz aspera sempre que os transeuntes lhe dirigiam gracejos e dirigindo-se para as docas, em cuja proximidade existe um avultado numero de tabernas d'um aspecto mais que duvidoso. Parecia, porém, ser ainda muito cêdo, os seus olhos claros, ensombrados por espessas sobrancelhas, não descobriam o que desejavam. Sem se preoccupar com os que o rodeavam, o velho lobo do mar desapareceu.

Meia hora depois appareceu elle na rua onde está situado o sumptuoso «Hotel do Rei de Irlanda».

O porteiro, ricamente fardado, estava parado á entrada e teve um olhar de desprezo para o bebedor que se aproximava.

Mas quando Sherlock Holmes, tendo uma das mãos

na algebeira e a outra segurando o cachimbo de barro que fumava como uma chaminé, se plantou deante d'elle, fitando-o com um olhar idiota, o porteiro gritou-lhe que se afastasse. Sherlock Holmes teve como resposta um rir absolutamente parvo. Isto indignou de tal forma o homem que atirou ao policia um pontapé que o lançou cambaleando até ao meio da rua, onde caiu.

— Esta canalha! praguejou o porteiro.

«Quando é preciso um policia, não ha meio de apparecer.»

Viu ainda como o marinheiro embriagado se levantava, estendendo a mão suja ameaçadoramente na sua direcção. N'esse momento o porteiro foi chamado e desapareceu no interior do hotel, não podendo vêr o marinheiro occultar-se n'um recanto escuro em frentes do hotel, conservando-se ali immovel.

Sherlock Holmes, do seu canto, ponde vêr que o porteiro fôra chamado por um hospede que descia.

Este hospede era sir John Everet, o celebre artista, chegado n'esse dia ao hotel, vindo das suas propriedades de Bembridge, na ilha de Wight.

Passada meia hora, Sherlock Holmes teve a satisfação de vêr passar junto do seu esconderijo alguem que julgou conhecer, apesar da differença do aspecto. Essa pessoa não tinha salido da porta principal do hotel, mas sim d'uma portinha do jardim, ao lado do hotel.

Era, porém, extranho que, sob o disfarce d'um carregador do porto se escondesse sir John Everet.

Sherlock Holmes sáhiu immediatamente do seu canto e começou seguindo o pintor, zig-zagueando sempre. Tinha a certeza de não ser reconhecido.

O artista voltou a cabeça, a certa altura, diminuindo o passo, como se quizesse esperar pelo marinheiro. Um rapido olhar do policia bastou-lhe para gravar na memoria a figura e o rosto do seu perseguido. O homem trazia um *bonnet* de panno azul, sob o qual se via o cabello negro. Uma barba da mesma cor emoldurava-lhe o rosto. A barba era muito mal cuidada e Sherlock Holmes viu bem que era falsa.

O marinheiro embriagado, poucos passos andados adeante do outro homem, encostou-se á parede, tirou da algebeira a garrafa de aguardente e levou a á bocca.

O outro parou sob um candieiro e examinou os gestos do marinheiro. Em seguida a uma leve hesitação, continuou o seu caminho, seguido sempre pelo falso marinheiro. Apesar do policia estar certo de que não podiam reconhecer o n'aquelle disfarce, necessitava usar de prudencia. Por isso, notando bem a direcção que levava o pintor, mettia-se rapidamente por travessas e ia esperal o n'outro ponto, occultando-se á sua passagem. Procedeu d'esta forma varias vezes, até que comprehendeu que o homem que seguia se dirigia ao porto. Sherlock Holmes julgou em seguida saber qual o ponto do porto que o pintor preferiria.

Para não alimentar novas suspeitas, não se mostrou. Correu para o porto, desceu até á agua, chegando ao ponto onde estava atracada uma pequena lancha a vapor. Trocou duas palavras com o tripulante

te e o barco afastou-se immediatamente da margem.

O barco começou a cortar com rapidez as aguas do rio. Fez um grande arco e aproximou-se de novo da margem, nas proximidades d'um grande barracão pertencente ás docas.

Ouviu-se o choque ligeiro da prôa da embarcação contra a cantaria da margem.

Holmes, com um salto, achou-se em terra e logo a lancha continuou, afastando-se para o meio do rio. A chamma da lanterna accendeu-se de novo, sem que o policia tivesse de preoccupar-se com isso.

Em volta do barracão, a escuridão era completa, mas o policia conhecia o caminho e saltou por cima d'uma prancha.

Pouco depois encontrava-se junto da mais perigosa e mais frequentada taberna de maritimos, que era conhecida pelo lindo nome de «O Coelho Bravo».

Era uma grande casa pintada de escuro, que, mesmo de dia, fazia desagradavel impressão em virtude das paredes estarem ennegrecidas pelo fumo e das janelas serem muito estreitas.

Já por mais d'uma vez Sherlock Holmes tinha visitado o local, disfarçado sempre de maneira differente. Sabia muito bem que especie de gente frequentava a espelunca.

Para quasi todos, a vida d'um homem pouco valia. O proprio dono, Patrick estava, havia muito, no livro negro da policia; apesar de lhe não poder ser imputado nenhum crime directamente.

Talvez eu tenha mais sorte esta noite, murmurou Holmes, dirigindo-se para a entrada da taberna. Não trazia arma nenhuma, nem mesmo um revolver.

Poz a mão no fecho da porta, por detraz da qual se ouviam os risos e as canções roucos dos frequentadores. Desceu em seguida os degraus que conduziam á sala, pois a taberna era quasi uma cave, um pouco abaixo do nivel do terreno, com o tecto sustentado por columnas.

A maior parte dos frequentadores tomava o vulgar whisky; só raramente se via um copo cheio de pessimo vinho. Fumavam todos por velhos cachimbos de barro.

Do lado direito da sala, á entrada, um rapaz de cabello ruivo tocava harmonium, instrumento muito usado entre marinheiros. Os restantes acompanhavam-no, uivando furiosamente a melodia.

A entrada do grande policia disfarçado, passou despercebida nos primeiros momentos e só quando elle fôr atravessando por entre as mesas, cambaleando d'uma forma assustadora, é que se ouviram algumas vozes, e entre ellas uma.

— Que especie de cão bebedo é esse?

Sherlock Holmes estremeceu quasi imperceptivelmente. Pareceu-lhe conhecer aquella voz e, effectivamente, encostado ao balcão, perto do taberneiro, o grande policia descorriu John Everet, com o mesmo disfarce de descarregador do porto. Tinha sido o pintor quem pronunciára a phrase que fizera estremeecer Sherlock Holmes.

O policia julgou vêr um olhar penetrante do ho-

mem, examinando-o, mas, quando elle quiz certificar-se, já elle se tinha voltado de novo para o taberneiro.

O plano de Sherlock Holmes estava traçado. Sabia muito bem o que queria. O facto de encontrar ali o pintor dava-lhe um sentimento de triumpho.

Sem parecer preocupar-se com os que o rodeavam, deixou-se cair sobre uma cadeira, perto do balcão, e pediu de beber.

Um creado, que fora tambem marinheiro, com certeza, trouxe-lhe o que pedira mas exigiu-lhe o dinheiro adeantado.

Sherlock Holmes, fiel ao papel que desempenhava, começou primeiro a praguejar furiosamente, deu socos na mesa, chamou ladrões e patifes ao taberneiro e a todos presentes, que nem ao menos tinham um pouco de confiança n'um homem honrado. Quando, porém, o creado tirou da algibeira um grosso tubo de borracha endurecida, uma arte terrível, mostrando tenções de o desanejar, Sherlock Holmes lançou sobre a mesa um punhado de moedas.

—Tira d'ahi a importancia da minha despeza, rouquejou.

O creado metteu rapidamente todo o dinheiro na algibeira e desapareceu por detraz d'uma columna.

—Bandidol murmurou Sherlock Holmes, lançando um olhar ao homem suspeito que continuava a conversar com Patrick.

Foi realidade ou simples supposição? Pareceu-lhe que John Everet fazia repetidos signaes com os olhos ao taberneiro, quando este fitava Sherlock Holmes. O policia, porém, não podia erer que o pintor pdesse reconhecel-o sob aquelle disfarce!

Alguns homens e uma mulher semi-embragada, vieram sentar-se na mesa do celebre policia, insistindo para que elle cantasse ou pagasse qualquer bebida á bella sociedade.

Meia hora depois, vinho e whisky tinham corrido em torrentes e Sherlock cahiu de repente para diante, tendo um rir meio suffocado, meio rouco. Quiz ainda segurar-se, mas não o conseguiu e estatelou-se no chão, como um madeiro. A cadeira rebolou sobre elle e os espectadores d'esta scena riam ruidosamente. Dois dos companheiros ainda experimentaram levantar-o, sentando-o n'uma das cadeirrs encostadas á parede, mas um segundo depois, o marinheiro embragado estava de novo estendido no chão.

O taberneiro approximou-se coxeando.

—Que se passou aqui? latiu, Os marinheiros tocaram com o pé no corpo de Holmes, retorquindo:

—Está bebado como um carro. Atire-o para o meio da rua, onde um policia possa apanhal-o.

—N'essa não caio eu, respondeu Patrick com voz rouca, Sei muito bem que a policia me vigia e que espera o minimo pretexto para me intimar a fechar a porta.

—N'esse caso, que fazes d'este figurão? inquiriu um dos bebados.

—Agarrem n'elle e tragam-n'o para um pequeno quarto ao fundo da minha casa.

—Póde ficar ali até amanhã de manhã e, logo que

lhe tenha passado a embriaguez, póde ir para o diabol

Por detraz de Patrick appareceu o rosto esqualido do homem que Sherlock Holmes tinha seguido, os olhos, encovados no fundo das orbitas, seguiam com attenção todos os movimentos do falso embragado. Avançou por entre os restantes espectadores d'esta scena e curvou-se sobre o velho marinheiro estendido no chão. Calou-se durante um momento e disse em seguida, com um sorriso.

—Está effectivamente bebado como um carro. O que não sei é se a bebedeira lhe passará até amanhã de manhã, tal ella é.

Dois dos presentes seguraram Sherlock Holmes pelos hombros e pelas pernas e levaram-no por uma porta ao fundo. O taberneiro seguia-os coxeando.

Um candieiro de petroleo, velho e ordinario, pendia d'uma das paredes do estreito corredor.

No fundo do corredor havia uma pesada porta, que Patrick abriu.

—Atirem-n'o para ahí, rosnou.

O aposento era bastante pequeno, Sherlock Holmes continuou immovel. Parecia estar realmente sem sentidos. Os dois homens que o tinham conduzido refiraram-se e Patrick fechou a porta.

Profunda escuridão rodeou o policia.

Apenas os tres homens se tinham afastado, o marinheiro que parecia inanimado, levantou-se com presteza.

—Bom, consegui o que queria, murmurou Sherlock Holmes. Os estupidos não suspeitam que era isto exactamente o que eu desejava.

Quero ficar toda a noite n'esta casa, para observar o que aqui se passa. Com certeza me não reconheceram e tenho fortes razões para suspeitar que o honrado sir John Everet tinha um certo designio ao visitar o «Coelho Bravo».

Sherlock Holmes approximou-se da porta ás apalpadellas e ponde certificar-se facilmente que estava fechada. Acudiu-lhe á ideia:

—Ter-me-hão fechado de proposito?

Em seguida pegou na sua celebre gazua universal; invento esplendido, que lhe permitia abrir todas as portas. Viu immediatamente que não lhe era difficil abrir-a e pensou em sair surruteiramente para inspecionar os quartos do andar de cima e das trazeiras do predio. Escutou novamente.

Os companheiros de Patrick tinham-se afastado, mas pareceu-lhe sentir que alguém voltava. A porta que communicava com a sala onde se bebia devia ter-se aberto durante uns segundos, pois Sherlock ouviu as vozes dos marinheiros bebados. Logo a seguir fez-se o silencio. Apurando o ouvido, Holmes ouviu que alguém avançava cautelosamente no chão de terra batida do corredor. O policia tinha concentrado toda a sua attenção para ouvir o mais leve ruido.

—São varios, murmurou Holmes, no meio da escuridão que o rodeava.

N'esse momento os passos pararam junto da porta.

Holmes ouviu distinctamente a respiração apressada d'um homem.

—E' Patrick, pensou o policia. Conheço-o pelo ruído que faz o ar ao sair-lhe pelas narinas, o que é característico n'elle. Mas não está só, deve ter um companheiro. Que sahirá d'aqui?

Durante alguns minutos nada se ouviu; provavelmente escutavam junto da porta.

Sherlock Holmes fez ouvir então um gemido meio suffocado.

—Está realmente embriagado, eu bem lhe affirmava, ouviu o policia dizer.

—E eu respondendo lhe que você não é intelligente bastante para reconhecer o sujeito. E' nem mais nem menos que o mais celebre policia secreto de Londres, Sherlock Holmes! acrescentou outra voz, mais baixa que a de Patrick.

Apesar d'isso, ao policia não escapou uma palavra. Estremeceu involuntariamente, ao pensar que nem todo o seu disfarce lhe evitava ser reconhecido. E agora? Se se lembrassem de o assassinar ali, sem defeza? Traçou immediatamente um plano. No momento em que a porta se abrisse lançar-se-ia sobre os dois homens e tinha a certeza que a sua grande sciencia do box lhe seria, como tantas vezes favoravel.

Patrick pareceu não acreditar nas afirmações do seu companheiro.

—E' um velho marinheiro, senhor, ou eu não me chame Patrick. De resto, que me importa!

Se acha que ha perigo, bem sabe que basta dizer. O senhor bem sabe.

Nenhuma resposta se ouviu.

Sherlock Holmes lamentou não possuir o dom de ver atravez as paredes. Talvez os outros não tivessem trazido luz, de forma que tal dom tambem de nada lhe serviria. O que elle, porém, podia garantir é que o segundo dos dois homens era John Everet.

O silencio que se seguiu começou a inquietá-lo.

Tornou a apurar o ouvido, na esperanza de perceber qual o designio dos dois, quando subitamente, sentiu um ruído metallico, como se desprendessem em qualquer ponto da parede uma corrente de ferro.

Em seguida, John Everet gritou atravez a porta;

—Boa viagem, sr. Holmes!

Com um salto, o policia quiz lançar se para a porta, pois já não restava duvida que John Everet o reconhecerá e decidira supprimi-lo por qualquer processo. Porém, um ruído no tecto fê-lo levantar a cabeça coriosamente.

Antes de ter comprehendido a causa dos estalidos secos que lhe feriram a attenção, recebeu um formidavel pancada na cabeça e cahiu sem sentidos.

CAPITULO V

Um quadro celebre

Harry Taxon passou a noite nas proximidades do Elizabeth-Hospital, sem conseguir vêr Lissy Malton.

Veiu a manhã e Harry estregou os olhos, afastando o somno com uma ligeira massagem.

Durante a ultima meia hora, parecerá-lhe vêr surgir a cada momento o homem que esperava todo a noite. Examinou cuidadosamente o jardim proximo, mas nada viu de suspeito. Começara o dia a romper, quando Harry deu um salto de repente, occultando-se detraz d'uns arbustos proximos. Na ligeira neblina da manhã destacava se um ponto negro que se approximava e Harry ponde vêr que era effectivamente o mesmo grande chapéu e a mesma capa escura que trazia sr. John Everet, ao passear na ante vespera em frente do posto de soccorros.

Harry sentiu um prazer infernal com esta descoberta.

—Espera, patife, que has de pagal-as, sorriu elle.

«Naturalmente, já sabe que miss Malton está no hospital; talvez até já tenha perguntado pelo telephone se está melhor, e o facto de eu aqui o vêr, significa alguma coisa.

John Everet passou em frente da entrada do hospital. Em razão da hora matutina, poucas pessoas havia ainda nas proximidades.

Harry Taxon viu-o desaparecer, voltando a esquina, mas não se deixou enganar. Effectivamente, cinco minutos depois, reaparecia o homem de negro. D'esta vez, porém, o passeante antes de chegar ás portas de ferro, obliquou e sentou-se n'um dos bancos do jardim fronteiro.

Passou assim uma hora e a animação da rua duplicou. O ajudante do policia preparou-se para se afastar sem ser notado, na intenção de perguntar noticias pelo telephone, quando viu abrii-se a grade.

A pessoa que saiu era Lissy Malton, com o seu vestido simples mas bonito. Uma enfermeira amavel e o medico tinham vindo acompanhá-la. Com algumas palavras affectuosas, a joven despediu-se.

Harry constatou que, se bem que miss Malton estivesse ainda bastante pallida, estava fóra de perigo. Com a malinha não mão, a joven dirigiu-se apressadamente para o centro da cidade.

Harry demorou-se um pouco ainda no seu loger e ponde vêr como o homem da capa e do chapéu negro a seguia. Da presença de Harry, porém, parecia elle não ter a minima suspeita. De resto, o joven policia tinha-se disfarçado habilmente, de forma que só difficilmente poderiam reconhecerê-lo. Quando as duas pessoas que o interessavam e que já iam longe, desapareceram n'uma esquina proxima, Harry começou a segui-las. Sabia que miss Malton morava na Morceland Street e julgou que ella fôsse tomar um *tramway*. Não foi, porém, isso que succedeu. Poucos segundos depois, Harry alcançara, tanto miss Malton como o seu perséguidor e ponde manter-se sempre proximo d'ambos, pois as ruas e praças estavam cheias de gente.

John Everet voltou-se para traz algumas vezes, mas nada viu de suspeito.

—Para onde irá ella? perguntava Harry a si proprio, ao vêr que miss Malton levava uma direcção op-

posta áquella que conduzia á morland Street. Dez minutos depois julgou poder responder á pergunta que o torturava.

—Vae para a Royal Academy. D'aqui a um quarto de hora é aberta ao publico. Estou com curiosidade, quero vêr que resulta d'aqui.

Miss Malton tinha, effectivamente essa tenção; lembrava-se das palavras de Holmes, ao despedir-se na vespera.

Mas não era só para vêr o quadro que ali ia; havia qualquer coisa de mysterioso que a atrahia. Era uma obra em que tinha cooperado Edgar; era uma obra que surgira, pouco a pouco, das suas mãos.

O porteiro abriu o portão da Royal Academy, deixando entrar a multidão que se tinha juntado. As noticias dos jornaes, referindo-se tão elogiosamente ao quadro, começavam a produzir o seu effecto.

O numero de pessoas era n'essa manhã tres vezes maior que habitualmente.

Harry misturou-se immediatamente entre os visitantes, sem deixar, porém, de vigiar nem miss Malton nem o homem suspeito. O quadro de John Everet estava n'uma das salas maiores.

Os visitantes ficavam impressionados pelo aspecto extranho da pintura. A decoração, a luz viva, as tonalidades da tinta, era maravilhoso. O assumpto era o seguinte:

Do chão levantavam-se cruces toscas de madeira. Na cruz maior, no plano anterior, destacava-se fortemente o corpo d'um homem muito novo. Era um christão, que o ferocissimo Nero fazia expirar na cruz. Mais afastadas, viam-se outra cruces de martyrio.

Mas o que chamava todos os olhares com um poder irresistivel, não era a expressão bestial nos rostos dos ajudantes dos executores; o que impressionava fortemente era a expressão de dôr cruciante, de martyrio indescriptivel, que apresentava o rosto do crucificado.

A scena passava-se n'um ponto alto da cidade eterna. A noite parecia descer sobre Roma. Ao lado viase o imperador romano com a sua comitiva.

Os restantes quadros que enchiam as paredes da grande sala desapareciam ao lado d'esta obra prima. O publico julgava estar ás portas de Roma, assistindo ao martyrio d'um crucificado. Era este o celebre quadro de John Everet «O CRUCIFICADO».

John Everet acabara de entrar na sala.

Não, parecia, porém, desejar ser reconhecido como o mestre incontestado, pois misturou-se logo entre a multidão, puxando o chapéu para os olhos.

—Hum! murmurou Harry. Procura miss Malton; mas onde está ella? Perdi-a de vista, mas fiquei com a certeza de a vêr apparecer.

Mal acabára, quando a joven entrou por uma porta lateral. Lissy demorou-se um pouco, por qualquer circumstancia fortuita, de fórma que só chegou depois de John Everet. Logo que entrou, porém, começou percorrendo com a vista as paredes, até fixar-se no celebre quadro.

A luz caia do tecto e incidia de tal fórma sobre

a tæla que fazia resaltar as duas figuras em tamanho natural, fazendo-as parecer feitas de carne palpitante.

Apenas Lissy Malton deu com os olhos no christão moribundo pregado na cruz, soltou um grito horrivel, que alarmou todos os presentes. Voltaram-se e Harry approximou-se d'um salto, vendo como a rapariga afastava energicamente os que lhe estavam mais proximos, avançando até á barreira afastada um metro da parede. Chegando ali, levantou os braços e os olhos tomáram uma pavorosa expressão, mixto de loucura e horror.

—Edgar! E' o meu noivo! Apontando para o quadro, ao gritar estas palavras, cahi nos braços de Harry, que correrá a ampará-la.

John Everet approximára-se rapidamente. Curvou-se sobre a rapariga, dizendo, como querendo socegar os circumstantes:

—Está apenas desmaiada. Vou fazê-la tomar umas gottas d'um remedio que trago sempre commigo e que é maravilhoso.

John Everet tinha já desrolhado o frasco e preparava-se para introduzir entre os labios entreabertos da joven algumas gottas do liquido, quando um braço se metteu de permeio, com a velocidade d'um relampago, lançando por terra o frasco, que o pé de Harry Taxon pizou immediatamente, partindo-o e deramando o conteúdo.

—Que faz senhor? exclamou o artista enfurecido, endireitando-se. Fixou Harry, não o reconhecendo, comtudo, como sendo o ajudante de Sherlock Holmes.

—Desculpe-me, peço-lhe, retorquin este com um sorriso. Empurraram-me por detraz e eu toquei-lhe sem querer, por minha vez. Perdôe-me, que foi inteiramente involuntario.

John Everet mordia o beijo e as mãos enclavinavam-se-lhe de furor. Por sua vontade, ter-se-hia lançado sobre Harry, estrangulando-o. Ao mesmo tempo, uma suspeita surgia no seu espirito. Parecia-lhe que o homem que se achava na sua frente se assemelhava ao que, na vespera, protegera Lissy Malton. E' verdade que só o vira de longe. Infelizmente, não podia provocar um escandalo, porque ficaria de peor partido.

Os assistentes olhavam aborrecidos para Harry, que impedira desastradamente o outro de fazer uma obra meritória.

Ninguém suspeitava que as taes gottas benéficas não passavam d'um terrivel veneno.

Um empregado da Academy entrou e levantou a rapariga desmaiada, no que foi auxiliado por Harry. John Everet não podendo tentar segunda vez contra a existencia de Lissy, afastou-se.

—Conhece esta senhora? perguntou o empregado.

—Conheço até a morada da mãe e o melhor será talvez eu conduzi-la immediatamente para a Morlandstreet.

Uma tal proposta só podia agradar ao guarda, pois evitava-lhe mais trabalho, de maneira que ajudou Harry a mettê-la rapidamente n'um trem fechado, dos muitos que estacionavam em frente da Royal Academy.

Harry não conseguiu descobrir John Everet, mas ficou com a certeza que o pintor assistia, de qualquer ponto occulto, á partida do trem.

Ainda o carro ia rodando atravez as ruas de Londres, quando Lissy voltou á si. Estremeceu ao vêr um homem sentado na sua frente. Harry explicou-lhe rapidamente tudo que se passára e conseguiu socegar um pouco a infeliz. Afançou-lhe que, dentro de quatro dias, teria noticias sobre o destino de Edgar Bruce. Até lá, deveria tomar todas as precauções, só saindo de casa n'um caso extremo e sempre acompanhada.

Durante o tempo que estivesse fóra, não devia comer nem beber coisa alguma, e sobretudo, não devia conversar fosse com quem fosse.

Lissy Malton, prometteu tudo e o trem parou em frente d'uma pequena casa, na Morlandstreet, onde uma velha mãe esperava ansiosamente a filha, não supeditando as varias peripecias que lhe tinham sucedido.

CAPITULO VI

Harry segue a pista

Harry voltou á habitação do mestre. Perguntou á velha governante se não viera nenhuma noticia de Sherlock Holmes, pois o policia não apparecera durante toda a noite. A boa mulher abanou a cabeça.

— Deus permita que não tenha succedido nada mau ao sr. Holmes.

Harry deu uma gargalhada.

— Isso é coisa que nunca ha-de succeder! Quantas vezes tem a senhora tido esse receio, quando desaparecemos por uns dias, sem darmos signal de vida?

«De repente, porém, ouve-se a campainha e eis o mestre que entra, perguntando pela sua saude. D'esta vez ha-de ser o mesmo.

O dia foi passando lentamente e nada de noticias. Harry começou a estar seriamente inquieto. Ao anoitecer, ouviu-se tocar a campainha do corredor. O discipulo de Holmes deu um salto da cadeira.

Seria o mestre? Não; não podia ser.

Com certeza que Sherlock Holmes trazia ainda o fato sebento e roto com que saíra, de fórms que não entraria, em caso nenhum, pela porta principal. Em taes occasiões passava atravez os jardins das casas vizinhas e entrava directamente para o seu quarto de vestir.

A governante annunciou miss Malton e sua mãe. A mãe de Lissy era uma senhora de meia idade, de apparencia respeitavel e apertou ambas as mãos ao ajudante do policia, agradecendo-lhe effusivamente todo o auxilio prestado á filha. Harry fez-se vermelho como um rapazzo de escola e voltou-se para a joven.

«O que desejo é que o seu desmaio não tenha

consequencias desagradaveis, miss Malton; será a minha melhor recompensa.

Que razão a traz cá?

A joven sentou-se e entregou a Harry um sobrescripto aberto.

—Recebi esta tarde uma carta que me fez uma impressão horrivel, sr. Taxon, disse ao mesmo tempo, dominando a custo a commoção. Peço-lhe que leia essa carta e me dê em seguida a sua opinião.

Harry descobriu a carta em silencio e aproximou-se da janella, onde havia mais luz.

—Vem de Edimburgo, fóram as suas palavras ao examinar o carimbo do correio.

Em seguida poz-se a lêr com attenção.

Era uma carta de Edgar Bruce, o joven pintor. N'essa carta participava á sua noiva que se tinha, infelizmente, enganado nos seus sentimentos e que fugira com a loura Mary, modelo do pintor Everet. Este tinha descoberto um dia o amor de ambos e déra-se uma scena violenta. Pouco depois, Edgar partira com a sua amante, sem dizer para onde. A carta findava por repetidos pedidos de perdão, communicando Edgar que, de Edimburgo, partiria para longe, saindo de Inglaterra.

Dizia ainda que estava firmemente resolvido a despozar a bella rapariga e voltava a pedir novamente a Lissy que lhe perdoasse a dor que lhe causava. Insitia porque não tentasse procura-lo, porque tinha mudado de nome e desejava passar por morto.

Sem fazer um gesto Harry lera a carta até ao fim dobrando-a em seguida e tornando a mettê-la no sobrescripto.

—Quer que lhe diga a minha opinião sobre este papelucho? E' tudo uma falsificação reles. Julgava John Everet mais intelligente.

A velha senhora olhou o ajudante do policia com ar d'espanto.

—Julga, realmente, senhor Taxon, que John Everet, um homem celebre, seja capaz d'uma falsificação?

—Julgo-o capaz de fazer coisas muito peores. Gostaria muito que o senhor Holmes, aqui estivesse. Veria como elle confirmava as minhas suspeitas.

—Ainda recebi mais alguma coisa, continuou Lissy. Mas devolvi a, porque se tratava de dinheiro.

—Dinheiro? interrompeu Harry. De quem?

—De John Everet, que está hospedado no «Rei da Irlanda»

—E para quê, com que fim?

—O homem que me trouxe o sobrescripto com o dinheiro entregou-me, ao mesmo tempo, um bilhethinho, no qual John Everet expressava o seu profundo pezar pela desaparição do seu discipulo preferido, que tanto desgosto me dava.

«Como suppunha que eu e minha mãe nos encontravamos em precarias circumstancias, pedia-nos que nos aceitassemos o seu auxilio.

«Podia dispensar facilmente aquella quantia, que nós deviamos considerar como compensação pelo trabalho de Edgar. E' claro que recusei sem a mais leve hesitação.

—Fez muito bem, miss Malton, retorquiu Harry. N'essa acção de Everet ha uma segunda intenção que eu adivinho.

—Que me aconselha que faça sr. Taxon?

O joven policia reflectiu um momento e murmurou:

—Se o mestre aqui estivesse!

Em seguida voltou-se para as duas senhoras e disse resolutamente:

—Não lhes posso dar melhor conselho do que metterem-se n'um trem e voltarem socegradamente para casa. Para isso recomendo-lhes que tomem o trem 360. Costuma estar parado á esquina, e o cocheiro é de absoluta confiança. Enquanto estiverem n'esse carro, nada lhes acontecerá. Esperem as nossas noticias. Julgo que já amanhã terão novidades.

Com palavras affectuosas, as duas senhoras despediram-se, agradecendo mais uma vez effusivamente a Harry, que as acompanhou até á porta.

O ajudante do policia voltou a subir a escada lentamente, murmurando.

—Se o mestre não me estivesse a prégar continuamente que um homem apaixonado é um homem que não pode pensar a frio nem reflectir com juizo, parece-me que tinha chegado o meu dia de me apaixonar, pois Lissy provoca um interesse maior que o do simples caso policia. E' pena!

Entretanto, caiu a noite completamente.

De Sherlock Holmes nem uma palavra. A governante entrou no quarto e Harry, tomando de subito uma resolução, participou-lhe.

—Vou sair e vou procurar o mestre. Elle prohibiu-me que o fizesse, mas eu hoje desobedeço-lhe. Não estou nada socegado.

—Ainda bem, senhor Harry, e Deus permitta que consiga encontrá-lo.

Um quarto d'hora depois, via-se um joven marinhoiro atravessar as ruas a passo largo.

De espaço a espaço, parava a uma esquina, sempre junto d'algum candieiro acceso. Os seus olhos procuravam na parede qualquer signal e, depois de leve hesitação, Harry seguia com a mesmo rapidez, pois não era senão elle que vestia o fato de marinheiro. Nas esquinas das casas e, particularmente, no cruzamento de varias ruas, conseguia vêr pequenos signaes particulares, que eram a escripta secreta do mestre. D'esta forma era possível a Harry seguir á justa o itinerario percorrido por Sherlock Holmes. Algumas vezes, porém perdeu a pista, principalmente nas proximidades das docas.

Parou junto da margem, onde ficou, pensativo, parecendo não achar solução para o problema. Repentinamente, um sorriso illuminou-lhe o rosto. Sherlock Holmes tinha-se servido, com certeza, d'uma lancha a vapor. Informou-se immediatamente, perguntando aos proprietarios das embarcações e um d'elles contou-lhe que transportára effectivamente na vespera á noite o celebre Sherlock Holmes, descrevendo um arco no Tamiza e indo desembarcar mais adiante na mesma margem,

Harry mostrou-se satisfeito e saltou para o barco, indo desembarcar no mesmo ponto em que o policia desembarcara na vespera.

—Boa viagem e que consiga o que deseja, gritou-lhe o arraes ao desembarcá-lo.

Harry tirou da bluzu uma pequena lanterna de furta-fogo e abriu-a, para vêr os objectos que o rodeavam. Estava junto d'um velho barracão, chisio de sucata de ferro e, n'um pateo adjacente, viam-se destroços de barcos já ha muito fóra do serviço e peças de petrechos maritimos. Não se via nem ouvia ninguém nas proximidades. Apezar d'isso, Harry percebeu que devia existir uma rua a pouca distancia. Examinou com extremo cuidado a prancha por sobre a qual passára Sherlock Holmes. Foi feliz, pois lá estava o signal mysterioso. Harry conseguiu achar de novo a pista.

—O «Coelho Branco» murmurou.

Harry, porém, não se achava convenientemente disfarçado para tentar sem perigo a entrada na taberna; por isso foi deslizando ao longo do muro até attingar a entrada do portão.

A facilidade que tinha em orientar-se, fêl-o perceber facilmente qual o caminho que devia tomar; a porta fechada não representava para elle difficuldade insuperavel. Possuia tambem a maravilhosa gazua universal do grande policia, de forma que a velha fechadura pouco resistiu. Entreabrindo apenas a porta, esgueirou-se para dentro do pateo; sem contudo tornar a dar a volta á chave, para poder sair rapidamente no caso d'uma retirada forçada.

Algumas janelas com cortinas que não deixavam ver para o interior, estavam illuminadas. O joven policia deitou-se no chão, procurando ver alguma coisa atravez as pequenas fendas da madeira. Viu apenas uma cave cheia de gente ruidosa e embriagada.

O taberneiro Patrick estava detraz do balcão, como sempre, e Harry Taxon, logo ao primeiro olhar, descobriu n'elle os estygmata do criminoso.

—Aquelle tambem um dia ha de conhecer a força, pensou.

Em seguida começou procurando uma entrada nas trazeiras da casa; parou junto da portinha, illuminou por um momento a fechadura com a sua lanterna electrica, abrindo-a depois com a gazua universal. Tambem d'esta vez não deu volta á chave para não cortar a retirada.

Achou-se n'um corredor, de tecto baixo, para o qual davam varias portas. O ruido feito pelos freguezes, na taverna, não se ouvia aqui. Harry avançou lentamente, com prudencia, parando ao menor ruido. Não conseguiu ouvir a voz de Sherlock Holmes, por mais que apurasse o ouvido.

De subito bateu com a cabeça n'uma travé do tecto. Na escuridão não percebera aquelle obstaculo. Em seguida a uma volta do corredor, Harry por pouco que não enfiou por um alçapão que se achava aberto. Com a lanterna viu que alguns degraus já muito gastos, conduziam á cave. Era o que o ajudante do grande policia desejava.

A escada tinha dez degraus e Harry, depois de descei-os, achou-se n'um recinto abobadado, cujo chão era feito de terra batida.

A pouca distancia ouviram-se de novo os uivos e os gargalhadas dos marinheiros embriagados. Harry percebeu que se achava por detraz da taverna. Continuou avançando passo a passo, e encostava sempre o ouvido á parede, batendo com os dedos um certo numero de pancadas, dadas de modo especial.

Se Sherlock Holmes estivesse proximo, saberia immediatamente o que significavam aquellas pancadas. Mas tudo ficava em silencio e ninguem respondia aos signaes convencionaes de Harry.

—Os cães são capazes de o terem assassinado, murmurou suffocadamente.

Subitamente, um facho de luz amarelada incidiu quasi sobre o ajudante de Sherlock Holmes, que mal teve tempo de se esconder atraz d'uma columna, para não ser descoberto. Approximou-se um homem. Trazia uma velha lanterna, com os vidros protegidos por rede de arame, e pelo ruido caracteristico dos seus passos, Harry reconheceu o taberneiro Patrik. Metteu-se o mais possivel na especie de nicho formado pelo canto, junto da columna de forma que o taberneiro não podia vê-lo.

Patrik passou junto d'elle, parou em frente d'uma pezada porta e collocou a lanterna no chão. Emquanto mettia a chave e dava volta á fechadura, Harry ponde ver-lhe bem o rosto.

Harry ponde ver que Patrik olhava em volta, perscrutando a escuridão antes de abrir a porta. Logo em seguida, ajoelhou, segurou a lanterna e levantou-a allumiando o limiar da casa de que abreira a porta.

Sem fazer o mais leve ruido, Harry avançou pelo corredor até estar justamente por detraz do infame taberneiro. Patrik tinha recebido aviso d'um amigo de confiança que a policia tencionava fazer novamente uma vizita inesperada á sua casa, não escapando d'esta vez nem uma pollegada de terreno, que não fôsse vista e revista minuciosamente.

Os policiaes tinham, porém, a vista muito apurada e podiam descobrir alguma mancha de sangue. Era isso que Patrik queria evitar.

—Ah!... ali rouquejon. Já a faço desaparecer.

Harry tambem tinha visto a suspeita mancha vermelha. Sentiu-se gelar, ao suppor que talvez fôsse ali que alguns bandidos tinham assassinado o seu mestre querido.

Com a rapidez d'um relampago, agarrou Patrik pelo peçoço, por detraz, e este, com o susto, deixou cair a lanterna, ficando os dois homens mergulhados em completa escuridão.

Apezar de ter só uma perna, o taberneiro era dotado de uma grande força e, antes que Harry conseguisse puxal-o para o corredor e inutilisal-o, já elle tinha puxado por uma faca e dava golpes furiosos á tóa, na esperanza de apanhar o seu desconhecido inimigo.

—Espera, meu patife! arqueejon Harry, ao sentir-se levemente ferido n'um brçoço.

«Espera, que já te quebro os dentes.

Patrik, soltando um rouco grito de cólera, deixou cair a faca. O ajudante do policia, com um golpe especial, deslocara-lhe o brçoço.

Começou então uma lucta curta mas terrivel, tanto mais terrivel quanto se passava em plena escuridão.

Harry Traxon conhecia perfeitamente o perigo em que se encontrava, se o taberneiro conseguisse soltar um grito.

Harry não sabia que, no fervor da lucta, estavam outra vez no limiar da porta.

Recebeu um fortissimo sôco na cara e achou que era tempo de acabar com a lucta.

Empregou então um dos habeis golpes dados com o pé, que atriram o mais forte adversario a terra com uma arvore gigantesca caindo desamparada.

—Maldito! gritou Patrik. Em seguida Harry ouviu um grito e accendeu a sua lanterna electrica. O fôco, incidindo sobre o taberneiro, mostrou-lhe que este, com a face horivelmente contrahida, fazia esforços para pôr-se de pé.

Machinalmente, sem saber o que fazia, Harry lançou a mão á corrente e puxou com força.

—Alto! Alto! uivou Patrik; os seus dois gritos não impediram, porém que se ouvisse um forte ruido no tecto. Felizmente, Harry estava a um metro de distanciao corredor, senão tambem teria sido victima.

Harry lançou um olhar espantado para o espaço illuminado pela lanterna, acrescentando:

—Tens o que mereces, miseravel bandido! Mas onde terão posto o mestre?

Harry percebeu que nada mais poderia fazer ali, por emquanto, e por isso, decidiu voltar para casa, o que fez de pessimo humor.

CAPITULO VII

Encaixotado

Quando o policia recuperou os sentidos, só ao fim d'algun tempo e á custa de grande esforço conseguiu recordar-se d'alguna coisa. A escuridão que o rodeava era completa. Sentia dôres na cabeça, que parecia querer estalar.

Pouco a pouco, as ideias fôram-se esclarecendo. Compreendeu que estava com as mãos e os pés atados tão fortemente, que as cordas penetravam-lhe na carne profundamente. Tinham-lhe posto tambem uma mordaça, de que elle conseguiu felizmente libertar-se mesmo sem o auxilio das mãos. Com a pressa, os bandidos não tinham prendido bem o panno que o amordaçava.

Sherlock Holmes fez esforços para levantar-se; debalde. Nada o libertava da situação que se tornava de momento a momento mais insupportavel. Recordou-se então de ter entrado na cave do taberneiro Patrik fingindo-se bebido, sendo transportado para outro pon-

to por este e por John Everet e recebendo então uma pancada formidável que lhe fizera perder os sentidos.

Não! Aquelle estalido que ouvira por cima da cabeça devia ter qualquer explicação. O tecto tinha descido e uma das traves apanhára-o pela cabeça.

E depois? Naturalmente suppondo-o morto, os bandidos tinham-no lançado n'alguma cova estreita onde ficara todo contorcido.

Mas se o julgavam morto, para que o tinham amordaçado e amarrado d'aquella fórma?

Pensou em gritar, mas a prudência aconselhava-o a não o fazer. Antes de tudo precisava averiguar onde se achava.

O ar era mau e quasi irrespiravel. Cerrando os dentes raivosamente, Sherlock Holmes permanecia imóvel n'aquella horrivel situação.

Não sabia se era dia ou noite e se havia muito ou pouco tempo que ali se encontrava.

De subito ouviu uma voz que não lhe pareceu desconhecida. Era Patrick. O patife fallava com alguém. Mas porque se ouviam as vozes tão afastadas e tão sumidas?

E nada de luz!

—Agarrem d'ahi, ordenava a voz do taberneiro. Ponham esse caixote juntamente com os outros, na carroça. Não falta mais nada. Os tres caixotes ficam em Gording Hall, em deposito, como ordenou o capitão Western, do «Indigo». Paga-se a armazenagem por tres mezes, adiantadamente.

—Mas que contem afinal os caixotes? ouviu o policia perguntar.

—Não tenho nada com isso, contestou Patrick com mau modo. O capitão Western é um dos meus antigos freguezes; os caixotes ficam armazenados até elle vir buscá-os para o seu navio e prompto. O resto não é commigo nem me importa saber.

Sherlock Holmes era um homem corajoso.

Tinha o provado centenas de vezes, mas d'esta vez sentiu um mêdo mortal. Percebeu que destino ia ser o seu.

O que o rodeava e que lhe tornava impossivel o mais leve movimento, eram as taboas d'um caixote d'umas dimensões taes que o seu corpo, torcendo o um pouco, conseguira caber lá dentro. Talvez os criminosos o julgassem morto. Mas não! Se assim fosse não o teriam amarrado nem lhe teriam posto na boca a horrivel mordaga.

O cerebro do policia trabalhava com a velocidade d'um raio. Compreendeu então porque se ouviam tão longinquas as vozes. O caixote tinha a tampa bem pregada e tinham-n'o encaixotado propositadamente com vida.

O policia conhecia perfeitamente Gording Hall, e rangia os dentes de raiva e de dôr.

Gording Hall era um immenso armazem subterraneo, uma grande serie d'abobadas, junto da margem do Tamisa.

O tal capitão Western, do «Indigo» devia estar em relações secretas com Patrick, e Sherlock Holmes,

apezar da sua critica situação, tomou mentalmente nota do nome.

O resto não era difficil de adivinhar.

Patrick fazia conduzir o caixote contendo o policia, que não se podia mexer, para Gording Hall, armazenando-o n'um dos subterraneos, que ficaria fechado á chave e onde o capitão Western viria buscá-lo dois ou tres mezes depois, para lançar pela borda fóra, no alto mar, o caixote e o seu contheudo.

D'esta maneira, Sherlock Holmes desaparecia sem deixar vestigios.

Talvez não precisasse esperar tanto e podia ser que logo d'ahi a poucos dias o funebre caixote fôsse conduzido para o «Indigo» e entregue em seguida aos peixes.

Sherlock sentiu o caixote ser levantado e conduzido por alguns homens.

Apezar de sentir dôres horribes ao mais leve movimento do caixote, principalmente quando esbarrava na parede ou batiam com elle no chão, nem um só queixume se soltou dos seus labios.

Pensava constantemente na maneira de se salvar, sem saber, porém, como fazê-lo. A carroça em que fôram carregados os caixotes foi rodando atravez as ruas, parando algumas vezes, para receber novas mercadorias. Sherlock Holmes ouviu varias vezes as vozes rudes dos seus conductores mesmo junto de si, mas não se atreveu nunca a revelar a sua presença, pois os dois homens pareciam estar dependentes de John Everet.

A situação tornou-se tão angustiosa, que o grande policia perdeu pela segunda vez os sentidos, o que não admirava, em vista do que soffria.

Quando voltou de novo a si o silencio era completo. Pensou que estaria naturalmente já n'um dos subterraneos de Gording Hall. Começou a chamar, com uma voz fraquissima, semelhando um estertor.

Ninguem lhe respondeu. Caiu, finalmente, n'um estado de tal inconsciencia que não poderia dizer depois se, enquanto estivera no tetrico caixote, se tinham passado horas ou dias.

A verdade é que a segunda noite tinha baixado e que, quando começava a ouvir-se no subterraneo um ruido extranho, Sherlock Holmes fechou os olhos, julgando chegada a sua ultima hora. O que se passou em seguida, já lhe não foi possivel perceber.

A escuridão profunda que reinava no interior do subterraneo, foi cortada repentinamente pelo facho de luz d'uma lanterna.

Ouviu-se o sussurrar baixo das vozes de dois homens e, em seguida, por uma das aberturas do tecto passou uma mão que segurava uma lanterna que se inclinava em todas as direcções, illuminando tudo.

—Tudo em socego, disse uma voz. Avança! Des-enrolou-se uma corda e um homem deixou-se escoirregar por ella. Logo que os seus pés tocaram no chão, correu á porta que communicava com os restantes subterraneos e escudou.

Depois fez ouvir um ligeiro assobio, que parecia um signal. Viu-se apparecer immediatamente uma comprida viga seguida por outra que foi collocada parallelamente, formando como que uma ponte, de cima dos fardos até á abertura do telhada ou lucarna.

Um segundo homem, ainda novo, vestido com andrajos, e tendo a descoberto os herculeos braços, deixou-se escorregar pelas vigas.

—Julgas que encontraremos aqui as caixas das sedas, Black? perguntou o mais velho, procurando com a luz.

—Tenho a certeza; havemos de achar tambem a terceira caixa, que deve conter coisa de grande valor porque, se assim não fôsse, o homem da capa não a acompanharia até aqui, respondeu o outro. Ah! Cá estão os nossos thesouros!

Devia ser um dos homens que conduziu a carroça até Gording Hall.

—Então, vamos a isto! Ha de custar bom trabalho, mas tenho esperança que valha a pena o velho Rodd ter vindo ariscar mais uma vez os ossos.

Os dois homens passaram uns cabos em volta de duas caixas e, depois do mais novo ter trepado para o telhado, foi puxando os volumes pela improvisada ponte.

Faltava agora içar a terceira caixa, o caixão de Sherlock Holmes. Os dois homens arquejavam, praguejavam, mas ao fim d'algum trabalho, conseguiram puxá-la tambem para o telhado.

—Bem, disse o velho Rodd. Para hoje basta.

O nosso velho bote tambem não pode levar mais. Estou com curiosidade de ver que especie de thesouro é o que se encontra n'esta grande caixa.

O outro encolheu os hombros. Os dois ladrões, pois outra coisa não eram, tinham descoberto certamente alguma entrada secreta para os subterraneos de Gording Hall. Puxaram em seguida as compridas vigas pela lucarna, depois de terem trepado por ellas voltaram a fechar a janellinha e arrastaram as tres caixas para um bote muito largo que se achava atracado junto da lucarna.

Rodd, era membro das «ratas d'agua londrinas», que assim se denominava um bando de malfeteiros que o grande policia por mais de uma vez perseguira. Elle e o companheiro tinham descoberto um dos canaes subterraneos que chegavam junto das abobadas de Gording Hall. O resto fôra facil.

Um quarto d'hora depois os dois ladrões iam remando em silencio, conduzindo o seu roubo por debaixo das ruas de Londres, até chegarem a um ponto onde emergia d'agua um muro semi-arruinado.

Chegados ali—sempre na Londres subterranea—foram descarregadas as caixas; em seguida o velho Rodd pregou nas paredes das caixas alguns ganchos de ferro e, puxando por elles, lá foram arrastando a presa para cima, por uma escada tambem meio arruinada, até chegarem a uma velha cavallariça.

Esta pertencia a uma casa velhissima, onde moravam Rodd e a mulher.

As tres caixas fôram collocadas em carrinhos de mão e conduzidas por um corredor, cujo chão era de barro batido, até a uma cave onde ficaram.

O trabalho estava finalmente acabado; o buraco por onde os dois homens tinham subido foi tapado e o bote escondido. Podiam tratar agora de abrir os tres grandes caixotes, á luz da lanterna. Antes d'isso tomaram aguarde, dirigindo-se depois á caixa em que estava Sherlock Holmes, martelando n'ella até que a tampa cedeu.

O policia continuava adormecido ou sem sentidos. Mais uma martelada e a tampa ia cair para o lado.

N'este momento ouviu-se um grito semelhante ao das aves de rapina.

Os dois homens deixaram cair immediatamente a ferramenta, apagaram a lanterna e escapuliram-se, não sem terem trancado primeiro umas taboas que serviam de porta ao aposento.

—Temos visita, segredo Rodd ao seu complice, ao achar-se alguns passos afastado. O melhor é tu desapareceres até amanhã á noite.

É bom ter prudencia.

O outro não esperou pue lh'o dissessem duas vezes. Não queria ter negocios com a policia.

Rodd afastou-se para a parte fronteira da casa.

Durante alguns segundos, reinou no escuro antro onde se achavam as caixas, um silencio sepulchral. Depois ouviu-se um gemido profundo. Sherlock Holmes voltára a si. Ergueu-se, bateu com a cabeça na tampa, mas a madeira cedeu e caiu para o lado.

Pouco a pouco Sherlock-Holmes readquiria todas as suas facultades. Graças á sua extrema habilidade, conseguiu libertar-se das cordas, de maneira que, ao menos, podia mover-se com certa liberdade. Momentos depois estava fóra da caixa, cambaleando primeiro como um embriagado, mas readquirindo lentamente o imperio sobre si mesmo e sobre os movimentos. Não sabia o que ia succeder-lhe, nem onde se encontrava.

Pouco se importava, porém. A sua situação melhorára e a velha coragem tornava a animá-lo. Começou a examinar o local onde se achava e viu a porta trancada.

Com a facilidade que possuia de se mover e fazer constatações mesmo na escuridão, descobriu rapidamente a tranca.

Foi percorrendo com as mãos as paredes, o chão e, subitamente, encontrou o que procurava: um pequeno serrote, de que os ladrões se tinham servido ao arrombaram a caixa.

Todos os seus sentidos tendiam para um fim: obter a liberdade.

Depois de muitos esforços conseguiu introduzir o serrote por uma fenda e serrar a tranca. Tendo feito isto, foi sufficiente um pequeno empurrão para abrir a porta. Sherlock Holmes respirou com anfo e contentamento.

Se pudesse saber onde se achava!

Não o ignoraria por muito tempo.

Foi seguindo pelo estreito corredor, bateu varias vezes com a cabeça no tecto e ouviu de subito vozes.

Seguindo o som d'ellas, chegou a uma porta tão velha, que atravez uma fenda, ponde vêr o que se passava no interior d'um quarto onde havia luz.

A uma mesa estavam sentados dois homens, um dos quaes lhe voltava as costas. O outro conhecia-o Holmes; era o velho Rodd. N'um dos cantos da miseravel habitação via-se uma mulher ajoelhada, vestida com andrajos, soluçando desesperadamente. Não se lhe podia vêr o rosto, que cobria com as mãos.

Diga á sua mulher que pare com a berraria, ordenou então o homem que voltava as costas a Sherlock Golmes. Era sir John Everet, que o policia reconheceu immediatamente pela voz. Que procurava o pintor n'um sitio tão suspeito? Holmes escutava, sustentando a respiração.

Rodd respondeu-lhe com uma voz ameaçadora :

—Não lhe posso impedir que chore, senhor, porque ella chora pela nossa filha Mary. Porque razão a levou o senhor para fóra de Londres? Antes eu lhe tixesse atirado á cara a mão-cheia de libras que me deu! Esse dinheiro parecia maldito. Desde que Mary está fóra de casa, não ha maneira de supportar minha mulher.

—Foi então por isso que você foi á policia queixar-se do desaparecimento de Mary? exclamou John Everet com azedume.

—Sim, senhor, retorquiu o velho indignado. Ainda fiz mais. Disse que o homem que nos levára nossa filha, dizendo que a educaria para o theatro, não se chamava o sr. Skood, mas sim, muito provavelmente sir John Everet, afamado pintor.

—Com os demonios, exclamou Everet. Você fez isso?

—Vi o seu retrato n'uma taberna, sir Everet. A prova será sufficiente para a policia.

«Exijo-lhe que torne a entregar-me a minha Mary, que o senhor tem provavelmente escondida na ilha de Wiget. Espero que a policia me venha buscar, para ir com ella até Bembridge, onde visitaremos sir John Everet.

Durante um momento, pareceu que o homem da capa e do chapéu pretos ia lançar-se sobre o velho Rodd; confteve-se, porém, accrescentando com voz hypocríta:

—Vou dizer-lhe a verdade. Eu não sou o proprio John Everet, como pensa. Sou apenas seu irmão de leite, e procurei em Londres bonitos modelos para elle. Levei-lhe tambem a sua filha, que já ha muito que estaria aqui, se, entretanto, não tivesse fugido com um discipulo da grande pintor, um tal Edgar Bruce.

—Sim? Mas como sabe o senhor isso?

—Pelo proprio John Everet, que recebeu uma carta de Edgar Bruce.

E dizendo isto, tirou um papel da algibeira e entregou-o a Rodd.

Este leu-o com muito custo.

—O patife não trabalha mal em falsificações, murmurou Sherlock Holmes.

—Que quer o senhor de mim, finalmente? perguntou Rodd, depois de ter lido a carta, sem fazer nenhuma observação.

—Quero que você vá ao commissariado e que declare ali que recebeu noticias de sua filha.

«Pode dizer á vontade que ella fugiu em companhia de Edgar Bruce, um joven pintor e que você viu com os seus olhos a participação do raptor. A policia contenta-se com essa declaração e poupa-se a John Everet a maçada da visita d'essa gente. Quer fazer isso?

O velho hesitou em responder. Parecia não comprehender bem o que tudo aquillo significava.

Ouviu se, porém, uma voz soluçante vinda do canto:

—Não façaes isso, Jim. Não vêes que está a mentir? Elle é o proprio John Everet e assassinou a nossa filha. Se nós não podemos fazer ressuscitar a Mary, que elle seja enforcado ao menos.

—Calla-te, velha coruja! gritou Everet, levantando-se da mesa. Quero ter a sua resposta, Rodd. Não faço questão de dinheiro, nem me importo de lhe dar uma boa indemnização.

A resposta não se fez esperar:

—Não! Recusou ouvir Sherlock Holmes.

«Quero as coisas ás claras. Exijo que seja registada a propriedade de John Everet.

Dos pallidos labios do pintor saiu uma praga.

—Então vae para o inferno, meu idiota! gritou elle.

Sherlock Holmes viu-lhe brilhar na mão um revolver e, com um sóco, tentou abrir a porta, que estava fechada por dentro. Não o conseguiu, porém, immediatamente.

Entretanto uma outra scena se passava.

Antes que Everet pudesse disparar o tiro que anniquillaria Rodd, sentiu-se agarrado repentinamente pela rectaguarda, pelos braços nervosos da mulher que, até então, estivera soluçando a um canto.

—A minha Mary! Dá-nos a nossa Mary, gritava a mulher semi-louca.

Rodd lançou-se para a porta que dava para o pátio e, d'ali, para a rua. Queria ir buscar soccorro mas, ao abrir a porta, ficou como que petrificado. Um grande numero de policiaes penetrou no recinto.

—Queremos fazer uma visitasinha aos armazens das cratas d'agua», sr. Rodd, exclamou o inspector da policia.

John Everet, apenas avistou os policiaes, deu um salto prodigioso, fez fogo á queima roupa sobre um policia e, enquanto dois d'elles rodeavam o companheiro caído por terra, desapareceu no escuro da noite.

O inspector fez um signal e os seus homens lançaram-se sobre Rodd e a mulher.

Quando se preparavam para amarrar tambem o

vagabundo, com o fato rôto e sujo, que não era outro senão Sherlock Holmes, o grande policia poz-se a rir.

— Não vale a pena. Sherlock Holmes tem a honra de os cumprimentar. Só lhes peço que não me demorem porque tenho absoluta necessidade de mudar de roupa, vestindo outra que não esteja molhada. As minhas aventuras contal-as-hei ámanhã no commissariado.

Apertou a mão do inspector, que o só reconheceu pela voz e seguiu o mesmo caminho que antes levára John Everet.

Pouco depois chegava a casa e surpreendia Harry, o seu ajudante, a estudar um plano de Londres subterranea.

CAPITULO VIII

E' apanhada a caça

Sherlock Holmes chegára com Harry Taxon a Portsmouth. Já tinha descansado de todas as fadigas da noite anterior e vestia um fato escuro, muito elegante.

Não ia disfarçado e, tanto elle como Harry queriam evitar de o fazer. Depois de trocarem algumas palavras em voz baixa, dirigiram-se para a ponte dos vapores, onde se separaram: Harry dirigiu-se para uma casa afastada, caminhando o policia em sentido contrario.

Puxou do relógio e viu que poucos minutos faltavam para a partida do pequeno vapor que faz a carreira entre Portsmouth e a ilha de Wight.

Pouco tempo depois, Sherlock Holmes pizava o sólo da ilha, onde ficava situada a conhecida propriedade de sir John Everet.

Sherlock Holmes sabia que o pintor saíra de Londres na noite anterior e que devia, pois, achar-se já na sua propriedade.

Sem hesitar puxou a corrente da campainha.

O velhr Pooker appareceu, lançando a Holmes um olhar desconfiado.

— Venho de Londres com um recado urgente para o seu patrão.

— Não o posso deixar entrar sem saber primeiro o seu nome, respondeu o velho.

— Conhece o nome de Sherlock Holmes? retorquiu o policia.

Holmes viu Pooker estremecer e mudar de côr.

— Abra! ordenou o policia energicamente.

Espantado, sem saber bem o que fazia, Pooker abriu o portão e Sherlock Holmes entrou rapidamente. Sem se importar com o creado, dirigiu-se para a casa.

Entrou no «hall» que Lissy lhe descovera e abriu uma porta ao fundo. Penetrou n'uma sala, com um forte cheiro a bafo e hesitava entre continuar ou chamar a attenção, fazendo ruido, quando uma porta se

abriu e appareceu John Everet. Vinha vestido de preto, com casaca.

— Quem se atreve? . . . As restantes palavras morreram-lhe nos labios e as mãos procuraram um apoio.

— Tenho a honra de o cumprimentar, começou Holmes, com um sorriso amavel.

— Quem é o senhor? perguntou John Everet, contendo-se a custo. Como penetrou até aqui?

— O meu nome não lhe deve ser desconhecido. Chamome Sherlock Holmes. Tenho a mania de apparecer de repente, d'uma fórma fóra do vulgar. Emfim, para que estamos nós a perder tempo, sir Everet?

«O senhor bem vê que a sua criminosa tentativa de me assassinar, de sociedade com o bandido do Patrick, fahou por completo.

«Resuscitei, como vê, e sei muita coisa. Sei que trouxe de Londres a filha de Rodd, fingindo ser um tal Skood, e fel-a desaparecer aqui, na sua propriedade. Desapparecida e assassinada, provavelmente, como assassinado foi o pobre Edgar Bruce. Ser-lhe-hia muito obrigado se quizesse fazer-me uma confissão completa. De nada lhe serve negar.

Seja como fór, dou-lhe a minha palavra que, até hoje á noite, todos os segredos de John Everet, o mais celebre pintor de Londres, serão conhecidos da policia e o senhor estará preso. Para que me ha de dar pois, trabalho inutil?

John Everet tinha tido tempo para se denominar e foi com firmeza que, respondeu.

— Creio que o sr. Holmes se está entretendo com uma brincadeira? Não desgosto de gracejar tambem, ás vezes. Dê-me apenas licença que ordene ao meu creado que nos sirva uma garrafa de vinho.

O policia admirou, em silencio, a serenidade do criminoso.

— Pois não! respondeu, sentando-se junto d'uma mesa.

Pooker accorreu ao toque da campainha; trocando disfarçadamente um olhar com o amo.

Minutos depois, os copos estavam sobre a mesa.

John Everet levantou o seu.

— A' sua saude, senhor Holmes.

— Um momento, interrompeu o policia.

«Permitta-me que troqueiros os copos, sir Everet.

— Ora essa, sorriu o pintor, como quizer.

Fez-se o que Holmes desejava e leváram ambos o copo á bôcca. Enquanto o policia punha descansadamente o seu copo, meio vazio, sobre a mesa, John Everet deu um salto repentinamente, com as feições contrahidas.

— Cão! Maldito! Envenenaste-me! gritou.

Com um sorriso ironico, o policia levantou-se tambem. Tinha conseguido deitar imperceptivelmente no copo algumas gottas, antes de trocá-lo com o do pintor.

John Everet ainda tentou segurar-se ás costas d'uma cadeira, mas escorregou e caiu pezadamente no sólo.

— Bem, disse o policia socegradamente, agora não

me impedirás de passar uma busca minuciosa. Mas sempre é bom tomar precauções.

Tirou do bolso uma corrente d'aço e atou as mãos do pintor, fazendo-lhe o mesmo aos pés. Em seguida lançou o resto do conteúdo do copo de Everet pela janella, saltou serenamente por ella para o terraço e dirigiu-se para o parque.

Era um dia claro, brilhando o sol com força.

Holmes formára a tenção de procurar o atelier de Everet, que elle sabia ser situado entre as arvores do parque. Tinha a certeza de ir encontrar ali a solução do mysterio.

Depois de procurar alguns momentos, chegou ao atelier, que só recebia luz por cima.

Ninguém se via, de fórma que poudo abrir soceadamente a fechadura com a sua gazua universal e entrar.

O atelier era espaçoso, tendo o tecto em fórma de cupula, e estava cheio de utensilios de pintura. No fundo via-se um enorme reposteiro, que cobria um nicho. Dando alguns passos, Sherlock Holmes approximou-se e affastou-o.

Da boca saiu-lhe um grito de horror.

Na sua frente elevava-se uma grande cruz de madeira, na qual se achava um homem ainda novo, quasi nú, crucificado como Christo.

—O modelo de John Everet, para o seu martyr moribundo, murmurou Sherlock Holmes. Deve ser Edgar Bruce, o discipulo, que teve de morrer cruelmente para o bandido estudar n'elle o soffrimento. E' a mais espantosa crueldade que podia inventar a loucura d'um artista.

«Edgar morreu já ha muitos dias. Naturalmente, Everet não tem tido coragem de o tirar da cruz.

Com um estremecimento d'horror, o policia tornou a encobrir o cadaver com o reposteiro.

Em seguida dirigiu-se para uma pequena sala anexa, que communicava com o atelier por uma portinhola ao fundo. N'esta salinha guardava o pintor velhas telas, cavalletes e escadotes.

Holmes notou um cheiro penetrante, que lhe fez pensar na existencia d'outro cadaver. Nas suas buscas encontrou uma grande mala fechada. Sem hesitar fez lhe saltar a fechadura. Abriu a tampa, que deixou cair horrosado immediatamente. Vira uma cabeça, rodeada de cabellos louros e separada do corpo.

—A loira Mary! ocorreu a Holmes.

No mesmo momento, ouviu por detraz de si um grito rouco, seguindo-se a detonação d'um tiro. Ao voltar-se, viu o homem que deixára amarrado no castello, a olhál-o fixamente, fugindo quando comprehendeu que a bala não tinha acertado.

Sem reflectir, Sherlock Holmes pôz-se a segui-lo, mas Everet desapareceu entre as arvores. Parecia ter sido atacado de loucura.

Ouvia-se o seu rir incessante, que servia de guia ao policia. Holmes queria agarrá-lo a todo o custo. A perseguição continuou até á agua, que se espraiava doceamente na margem.

—Para aqui, patrão! ouviu Sherlock Holmes gritar.

—Demonio! Deve ser o velho Pooker, o cumplice do amo. Foi elle que deve ter desamarrado o criminoso que eu tinha adormecido por alguns minutos. Que significará aquelle grito?

La comprehendello immediatamente.

Pooker tinha accendido a caldeira d'uma pequena lancha a vapor pertencente a Everet e esperava-o na margem do parque. Justamente quando Sherlock Holmes apparecia, saltava Everet para a lancha, que se affastou rapidamente.

O celebre policia teve de abrigar-se detraz d'uma arvore, pois do barco fóram dados alguns tiros.

Sherlock Holmes começou olhando fixamente na direcção de Portsmouth e um sorriso de contentamento aflorou-lhe aos labios.

—Bem dizia eu que Harry não faltaria.

—Ouvia-se um signal que o vento levou até muito affastado da costa.

O mar estava um pouco picado e ao longe descobria-se a praia de Portsmouth e um pequeno barco a vapor, que se approximava a toda a velocidade.

Everet e o velho creado tambem deviam ter visto a embarcação, porque mudaram immediatamente de rumo.

Harry, que seguira á risca aos ordens do amo, sabia o que isto significava. La travar-se sobre a agua uma grande batalha.

Sherlock Holmes não podia, infelizmente, serão limitar-se a seguir da margem as evoluções dos dois barcos.

Everet voltou repentinamente e dirigiu-se em linha recta para o parque que ha pouco abandonára.

—Vê, provavelmente, que é inutil fugir, e planeia algum acto desesperado, pensou Sherlock Holmes, e começou correndo ao longo da margem, para lhe preparar uma recepção condigna. Não chegou, porém, a ser preciso.

O barco de Harry Taxon tinha manobrado tambem com pericia e cortou o caminho ao outro. Ouvia-se o arquejar da machina.

Harry gritou uma ordem ao timoneiro e foi elle proprio para a roda do leme.

Sherlock Holmes viu logo que Harry tambem decidira algum acto arrojado, para não deixar escapar o bandido, pois este tinha alterado novamente o rumo.

Subitamente, o barco de Harry, cuja prôa era coberta de ferro, dirigiu-se como uma setta contra a lancha de Everet, mais elegante e mais leve. Se este não conseguisse voltar rapidamente, dar-se-hia a collição dentro em poucos segundos.

—Que fazes Harry? gritou instinctivamente Sherlock Holmes.

Sentiu-se um estalido e um choque medonhos, a pouca distancia da margem onde Everet queria desembarcar. A prôa de ferro do barco de Harry espetára-se com toda a violencia no costado do outro. As ondas cobriram ambas as embarcações e, por momentos nada se viu, ouvindo-se apenas o resfolegar da machina e o ruido ensurdecedor do vapor a escapar.

se por todas as valvulas. Logo que houve alguma quietação, viram-se dois homens combatendo na agua braço a braço: Harry Taxon e John Everet. O velho Pooker desaparecera nas ondas. As duas embarcações iam sendo arrastadas para a margem pela corrente, mas a lancha de Everet começava a afundar-se.

Sherlock Holmes tirou rapidamente o chapéu e o casaco e lançou-se á agua. Chegou justamente a tempo de inutilizar o criminoso, que erguia na mão direita um punhal muito afiado, com que queria atravessar Harry.

Uma pancada na cabeça de Everet, fê-lo perder, mais uma vez, os sentidos e o policia, juntamente com Harry, arrastaram-n'o para terra, sendo então amarrado mais fortemente que da primeira vez, apesar de já não existir Pooker para o libertar.

Everet foi transportado para o castello e, uma hora depois, estava em segurança, guardado por dois agentes de policia, enquanto Holmes e o seu ajudante seguiam o caminho de Londres a toda a pressa.

—Bom trabalho o teu, Harry! Gostei d'essa maneira decisiva. Em breve, estarás o rei dos policias, dizia Holmes sorrindo, ao subir para o comboio.

Que accrescentaremos ainda? Averiguou-se que o semi-louco John Everet adquiria, já ha alguns annos, os modelos para os seus quadros sensacionais d'uma fôrma secreta, estudando as contorções e a expressão de tortura que as victimas tinham enquanto as martyrisava, fazendo-as desaparecer depois.

Fôra d'esta fôrma que a loira Mary e o pobre Edgar Bruce tinham morrido.

E' claro que a intriga d'amor entre ambos não passara d'uma phantasia de Everet.

Os crimes do pintor cauzaram, naturalmente, a maxima impressão. Quando queriam transferil-o para a prisão de Londres, encontraram-no enforcado na sua cela. Tinha evitado, por suas mãos, a justiça dos homens.

Na pequena casa de Morcland Street está tudo muito socegado e triste, e ha de levar tempo a curar a profunda ferida que Lissy soffreu no coração.

O unico para quem a desolada menina tem sempre um fraco sorriso é Sherlock Holmes, em quem encontrou um amigo fiel para toda a vida.

FIM



Ler no proximo numero:

A Vontade Alheia

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Armando Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, regou, regerá e regerá perpetuamente o mundo. Provam-no o estudo das civilizações antigas, os costumes, as creanças e as tradições de todos os povos até à actualidade e a nos-a vida contemporânea.

E tuar as aberrações a que as paixões desvaíramos conduzem os homãos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que suboridinou no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quaes os vicios contra natura, o hermaphroditismo, a hysteria, a depravação e a-sumptos analogos são trataos com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* acha-se publicado o primeiro volume:

O Feticchista

Devendo seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no pró-o:

- Os Invertidos
- O Hermaphrodita
- A Hystérica
- Os Flagellantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

500

REIS

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

Unico rival de Sherlock Holmes

ª serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes :

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Ressurreição de Jackson |
| 3 Evasão d'um malvado | 20 Sapatos de defuncto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 Mulheres policias |
| 6 Um attentado terrorista | 23 Um milhão de francos |
| 7 A creança martyr | 24 As bravatas de um Yankee |
| 8 Resgate sangrento | 25 Coração torturado |
| 9 A falsa suicida | 26 O quarto dos mortos |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 A cabeça cortada |
| 11 Junto da guilhotina | 28 O segredo do conde |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Traçado pela areia |
| 13 O cão policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Bandidos de casaca | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Duas façanhas notaveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume = Serie completa, 2.000 rs.

JIU-JITSU

IVRO DE LEITURA

I vol. edição de luxo com 19 bellas para a 4.ª classe dos Lyceus

+ fotografuras de pagina +

1 volume illustrado 400 rs. = **600 reis**

Colleção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias estrangeiras

- Volumes publicados
1. Arsenio Lupin, gatinhe da alta roda, por Maurice Leblanc (Eg.).
 2. O Homem Mysterioso, Guy de Tournon.
 3. O tumulo de gelo, Pierre Giffard.
 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc.
 5. Um grito na treva, Golsworthy.
 6. O Prisioneiro de Marte, G. Le Rouge.
 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Hart.
 8. A Agulha óca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc.
 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi.
 10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard.
 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi.
 12. Qual dos tres? grande romance policia. A. O. Green.
 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge.
 14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton.
 15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras Paul d'Ivoi.
 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley.
 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc.
 18. Em Férias, por Henri de Regnier.
 19. O Palacio submarino, por Max Pemberton.
 20. Um crime tenebroso, por A. Galopin.
 21. A sombra mysteriosa, por Feigius Hume.

350 rs. Cada vol. in-4º, contendo a materia de um grosso vol. in-8º, de 300 rs. **350**

Novidade Litteraria

ESCOLA DO VICIO

por Victorien du Saussez

1 vol. com capa artistica 700 rs.

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos

I A Paschoa de Formosura - II Chammas de voluptuosidade - III Moab, terra da luxuria - IV Pella senda do amor - V Beijo supremo.

1 eleg. vol. em 8º com artistica capa a 8 côres **700 rs.**

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Wilarante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e expeditivas gravuras **300**

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, **600 rs.**

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kamtlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA DE PORTUGAL R\$. 60

A mais notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA DE PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 5 Fundação de Portugal |
| 2 Roma na Lusitania | 6 O cerco de Guimarães |
| 3 Os barbaros do Norte | 7 Egas Moniz |
| 4 A invasão dos Arabes | |

A seguir:

- | | |
|---|------------------------|
| 8 Conquista de Lisboa | 13 O Bolonhez |
| 9 Giraldo Sempavór | 14 O rei trovador |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 15 Rainha Santa Izabel |
| 11 Tomada d'Alcácer | 16 A Batalha do Salado |
| 12 Rainha D. Mécia | 17 Ignez de Castro |
| | 18 A Rainha Adultera |

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magnificas gravuras e capa artistica 700 rs.

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Klusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lan'es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'á simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embragaçadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e to- **NICK CARTER** dos os seus mysterios conhece-os

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicadas em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett. 16. Um electrico perigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. Os poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo.

100 rs. 0 volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700